



FASCÍNIO e MISTÉRIO

nas

RUÍNAS DAS MISSÕES

2ª Edição Ampliada



Ignacio Dalcim

As **Reduções**, que tinham por finalidade primeira a catequese dos índios, muito se aproximaram da utopia da Terra sem Males, conhecida pelos povos guaranis como “Yvy Marã Ey”. Por meios pacíficos, os índios foram *conduzidos* (*reducere*, do latim, *redução*), a viver numa sociedade fraterna, talvez a melhor das experiências que a história registrou. De fato, o projeto reducional dos Jesuítas foi ao encontro do grande sonho dos guaranis e, por um momento, o *Cristianismo feliz das Reduções* - na expressão de Ludovico Muratori - pareceu corresponder ao sonho da “*Terra sem Males*”.

Tema de importantes peças teatrais como “O Sacro Experimento”, “Assim na terra como no céu” e de telas cinematográficas como “A República Guarani” e “Mission”, as Reduções continuam despertando o interesse de todos aqueles que sonham por um mundo melhor.

Este livro foi escrito em comemoração aos 400 anos da fundação das duas primeiras reduções: Santo Ignacio Guazú (1609) e Santo Ignacio Mini (1610).

Desejamos aos leitores destas páginas uma boa viagem pelo fantástico mundo das reduções, que entre nós brasileiros são conhecidas como “As Missões”.

Ignacio Dalcim

FASCÍNIO e MISTÉRIO
nas
RUÍNAS DAS MISSÕES

2ª Edição Ampliada

Berthier
Passo Fundo, 2017

Fascínio e Mistério nas Ruínas das Missões
C Ignacio Dalcim

2017

Editorização Eletrônica:
Ignacio Dalcim

Fotos:
Arquivo de viagens e outras

Projeto Gráfico, diagramação e capa:
Gráfica Berthier

D138f Dalcim, Ignacio

Fascínio e mistério nas ruínas das Missões /
Ignácio Dalcim. 2. ed., ampl. – Passo Fundo :
Berthier, 2017.

88 p. : il., color. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7912-246-0

1. Brasil – História – Reduções jesuíticas.
2. Jesuítas – Missões – Rio Grande do Sul.
3. Peregrinos e peregrinações. 4. Paraguai –
História – Reduções jesuíticas I. Título.

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Direitos reservados para

Ignacio Dalcim

Rua Maria Aguirre Santin, 42/301 - 99.150-000 - Marau - RS - Brasil

Tel. (54) 3342-1543 e 99971 7717

dalcimignacio@net11.com.br

Apresentação

Amigo (a) Leitor (a)!

As **Ruínas** são como icebergs, apenas nos dão uma pálida idéia sobre o que foram as **Reduções**¹. Diante delas se faz necessário girar para trás os ponteiros do relógio e garimpar documentos para melhor compreendê-las através da imaginação. Com este livro temos a pretensão de **tornar proveitosa sua visita a cada um dos sítios arqueológicos das Reduções jesuítico-guaranis do Paraguai (antigo)**.²

Dizem que quem lê viaja sem sair de casa. As letras nos dão a oportunidade maravilhosa de embarcar na fantasia e viajar pela imaginação. Embarque, por favor, nesta viagem de sonhos e mistério. Se você estiver disposto a por o pé na estrada, melhor ainda. Está em suas mãos uma espécie de *Guia do Peregrino das Missões* ou, *Reduções*, como preferem nossos *hermanos*.

Tenho certeza de que esta viagem

- pelo oeste do Rio Grande do Sul, a famosa *região missioneira*,
- pela província de Misiones, Nordeste da Argentina e
- pelos departamentos de Itapúa e Misiones, no sul do Paraguai, irá marcar a sua vida para sempre.

¹ As **Reduções jesuítico-guaranis do Paraguai** são conhecidas entre nós brasileiros simplesmente por **Missões**, por isso, ao longo deste texto falaremos de **reduções e missões** indistintamente.

² Antigo porque o Paraguai daquele tempo, quando ainda vigorava o Tratado de Tordesilhas, era bem maior do que o atual. Conferir **mapa geral da Reduções**, em anexo, no final deste livro.

Para os que desejarem ampliar e enriquecer a sua viagem recomendamos seguir adiante até a bela e histórica Asunción³, palco de tantas lutas, bravuras e tragédias. E, para aqueles que desejarem conhecer o Chaco argentino, sugerimos cruzar a ponte sobre o rio Paraguai, poucos quilômetros acima de Asunción, e descer no sentido de suas águas em direção à Formosa, Resistência/Corrientes reentrando no Brasil por São Tomé/São Borja. Para quem sai de qualquer ponto do sul do Brasil bastam apenas 5 ou 6 dias para fazer todo o percurso do “Caminho das Missões”.

Aos que realizarem esta viagem, que por certo se sentirão envolvidos pelo misterioso mundo das ruínas das missões, bem como aqueles que lerem estas páginas, desejo uma boa peregrinação.

Ignacio Dalcim

³ Optamos pela grafia oficial de cada país, quanto possível.

Sumário

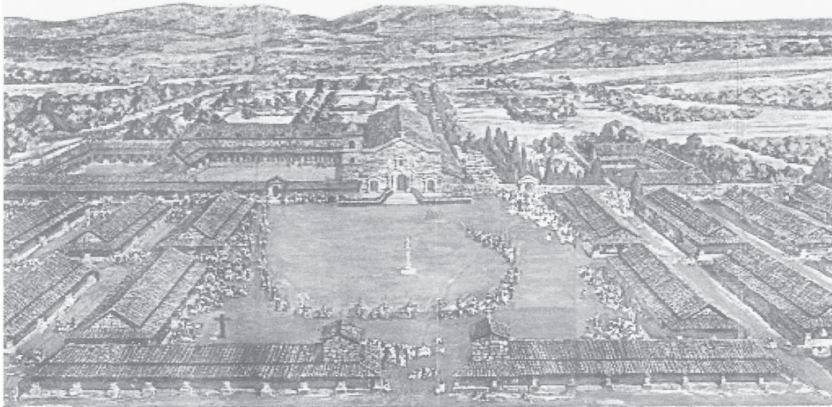
Apresentação.....	3
Introdução	7
“OS TRINTA POVOS DAS MISSÕES” (1706-1767).....	11
1. Visitando as Ruínas.....	13
2. Para quem Parte do Brasil.....	19
2.1 Santo Ângelo e a sua Catedral.....	19
OS SETE POVOS DAS MISSÕES	21
2.2 Ruínas de São João Batista:	25
2.3 Santuário do Caaró.....	27
2.4 Ruínas de São Miguel “das Missões”	30
2.5 Ruínas de São Lourenço Mártir	35
2.6 “Ruínas” de São Luiz Gonzaga.....	36
2.7 Ruínas de São Nicolau	38
2.8 “Ruínas” de São Francisco de Borja	39
3. As Ruínas Missioneiras da Argentina	43
3.1 Ruínas de Santa Maria la Maior.....	44
3.2 Ruínas de Nuestra Señora de Loreto	46
3.3 Ruínas de San Ignacio Mini	49
3.5 Ruínas de Santa Ana.....	54

4. As Ruínas das Reduções do Paraguai.....	57
4.1 As Ruínas de Santíssima Trinidad.....	58
4.2 A Igreja interrompida de Jesús de Tavarangüe.....	63
4.3 As Ruínas de San Cosme y Damián.....	65
4.4 Ruínas de Santiago.....	66
4.5 “Ruínas” de Santa Rosa de Lima.....	68
4.6 “Ruínas” de Santa Maria da Fé.....	71
4.7 Ruínas e San Ignacio Guazú.....	74
Concluindo.....	80
Referências.....	83
Anexos.....	85

Introdução

Você já sabe, mas é bom recordar de que as **Reduções/Missões** foram espaços “urbanos”⁴ construídos em terrenos planos, geralmente sobre coxilhas, num plano mais alto, às vezes seu início se dava no meio da mata.

A ilustração abaixo, pintura de Leonic Mathis, de meados do século XVIII, nos dá uma idéia de como eram as reduções/missões:



A visita do Governador

Quadro de Leonic Mathis

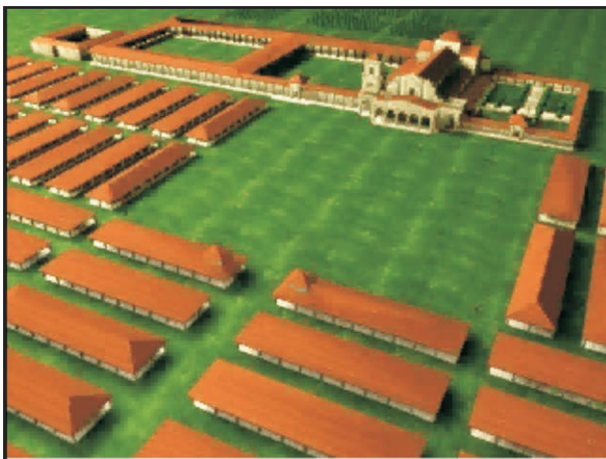
A **praça** era o centro da redução, o palco onde se realizavam as procissões, os jogos esportivos, a recepção às autoridades, as apresentações teatrais e os desfiles militares. No cenário ao fundo, a grande igreja. Junto

⁴ As reduções tinham toda a infraestrutura de uma cidade: além da igreja, que era o centro de tudo, havia hospital, asilo, escolas, casa e comida para todos. Imprimiam-se livros e fabricavam-se instrumentos musicais. Algumas possuíam até observatório astronômico e publicavam um boletim meteorológico. Foi nessas reduções que se começou a industrializar o ferro e a produzir os primeiros tecidos. Graças às reduções o gado foi introduzido no “continente” gaúcho.

à praça ficava o Cabido onde se reunia o Conselho dos caciques. Ali eram tomadas em conjunto as decisões para a administração do povoado.

O **templo** (igreja) ocupava lugar de destaque no conjunto de toda a estrutura reducional. Em frente do templo ficava a praça, ideal para procissões, desfiles, jogos e outras festividades. Do lado esquerdo da Igreja o Pátio dos padres, o Colégio e as Oficinas de arte e trabalho. No lado direito, o Cemitério e o Cotiguazú⁵, a casa que abrigava as viúvas, os órfãos e as mulheres dos índios que tinham que viajar para longe: para as estâncias de gado, ervais ou a negócios em Buenos Aires.

O Cabildo (espécie de secretariado municipal e/ou câmara vereadores) formado por caciques, geralmente ficava na entrada da praça, ou seja, no sentido oposto a frente da Igreja, onde também ficavam duas Capelas notificadas por pequenas torres. Por de trás



Rec. de S. Miguel pelo Núcleo de Computação Gráfica da UNISINOS

da Igreja o Quintal com frutas, chás, verduras e temperos, geralmente aos cuidados dos padres. Mais para além, o Matadouro e o Moinho. Depois as terras destinadas ao plantio e mais longe os ervais e as estâncias do gado.

⁵ Em algumas Reduções o Cotiguazú ficava do lado esquerdo da Igreja, como era o caso de Trinidad. A tradução de certos vocábulos guaranis para o português é bastante variada. Cotiguazú, por exemplo, algumas vezes é traduzido por cotiguassu, outras por cotiguaçu... Neste Guia, quanto possível, manteremos a escrita original do espanhol, língua predominante da literatura reducional.

As **Reduções**, que tinham por finalidade primeira a catequese dos índios, muito se aproximaram da utopia ou sonho de uma **Terra sem Males**. Por meios pacíficos, os índios foram levados, *conduzidos* (*reducere*, do latim, *redução*), a viver numa sociedade que buscava a igualdade e a fraternidade cristã, talvez a melhor das experiências que a história registrou. As reduções foram, também, lugares onde os Guarani⁶ eram protegidos contra ataques de *encomenderos*⁷ e bandeirantes que tentavam capturar os índios para escravizá-los. Politicamente as reduções/missões desempenharam importante função estratégica, servindo de escudo contra as pretensões territoriais dos portugueses que desejavam estender os seus domínios para além da linha estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas (1494).

A primeira redução foi a de San Ignacio Guazú (1609), no sul do Paraguai atual. Depois Nossa Senhora de Loreto (1610) e Santo Ignacio Mini (1612) no **Guayrá** (Guaira para nós de língua portuguesa), oeste do atual estado do Paraná. No Paraná surgiram outras 15 reduções, mas, devido à perseguição dos bandeirantes, os índios que “sobraram” tiveram que migrar para o sul, numa espécie de “êxodo indígena”, fixando-se especialmente na província de Misiones da atual Argentina.

São Nicolau, a primeira redução em solo riograndense, foi fundada pelo padre Roque González, em 1626. No **Tape**⁸ surgiram ao todo 18 reduções, também arrasadas pelos bandeirantes no final da década de 1630. Os índios, com seus missionários, fugiram para a Argentina,⁹ de onde retornaram meio século depois para edificar o esplendor dos **Sete Povos**.

⁶ Na literatura mais recente, especialmente naquela de divulgação turística das Missões no Brasil, se escreve Guarani, no singular.

⁷ Pela *encomenda* os espanhóis podiam dispor do trabalho dos índios assumindo em contrapartida o compromisso de educá-los na fé, mas que, quase sempre, serviu de legitimação de uma verdadeira escravidão.

⁸ Tape, que significa “população grande”, era o nome pelo qual era conhecida naqueles tempos toda a região missioneira à margem esquerda do rio Uruguai.

⁹ Para quem se interessar pelo assunto: ESCANDÓN, Juan de. *História da transmigração dos sete povos orientais*. Trad. De Arnaldo Bruxel, S.J. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1983 (História n° 23).

No período áureo das Reduções (1730-1750) existiam **Trinta Povos** ao longo do território do Paraguai antigo, hoje sul do Brasil, nordeste da Argentina e sul do Paraguai¹⁰. O Tratado de Madri de 1750, que determinava a troca dos Sete Povos pela Colônia do Sacramento (atual Uruguai), provocou a Guerra Guaranítica de 1756, com grandes danos à população indígena, especialmente dos Sete Povos das Missões.

Após a guerra, os **Trinta Povos das Missões**, que em 1732 já tinham uma população de 144.252 habitantes, com a expulsão dos Jesuítas em 1768, entraram em decadência contínua. Os armazéns são espoliados, o gado escasseia, as oficinas são abandonadas e os indígenas remanescentes, sem ter para onde fugir, são absorvidos como peões dos novos proprietários de fazendas e estâncias de gado. O abandono e a destruição se acentuaram no início do século XIX, especialmente com a invasão do caudilho uruguaio Frutuoso Rivera (1828), com o saque das bibliotecas, o roubo das igrejas e colégios e incêndios criminosos.

Toda aquela riqueza cultural e humana foi desaparecendo até ao estado das **ruínas atuais**. A redescoberta das Reduções (Missões) coincide de certa forma, com o reencontro do “Coração de São Roque González”, que por dois séculos permanecera muito distante das terras missioneiras, do outro lado do oceano Atlântico.¹¹

¹⁰ A literatura recente, quando fala da abrangência das reduções, inclui também o Uruguai, tendo em vista que as Estâncias guaranis das Missões abrangiam parte do seu território.

¹¹ O paradeiro do relicário que abrigava o Coração de Roque González de Santa Cruz foi localizado na Cúria da Companhia de Jesus em Roma, em fins da década de 1920, por iniciativa do Pe. Carlos Teschauer que estava a escrever a biografia do mártir riograndense. Em 1927 iniciaram-se os trabalhos de limpeza das Ruínas de São Miguel, como a retirada da vegetação que encobria suas paredes e a colocação de trilhos metálicos para consolidar suas estruturas.

“OS TRINTA POVOS DAS MISSÕES” (1706-1767)



Adaptado – Instituto Anchietano – São Leopoldo

Visitando as Ruínas

“Como toda a epopéia das Reduções foi uma empresa especificamente religiosa e evangelizadora, me parece mais autêntico, mais enriquecedor e até mais histórico, visitá-las numa atitude de peregrinação”.

Clement James McNaspy

A observação de Clement MacNaspy, professor de História da Arte e admirador das Reduções, é, sem dúvida, pertinente. De fato, nos últimos anos, intensificaram-se as “caminhadas” organizadas a partir deste espírito místico. Em novembro de 2008, aconteceu uma destas “*Caminhadas Missioneiras*”, no Rio Grande do Sul, com a participação de algumas pessoas que antes tinham percorrido o “Caminho de Santiago”.¹² Podemos até afirmar que estamos assistindo a gênese de um “*caminho de peregrinos pelas terras missioneiras*” a exemplo do “Caminho de Santiago”, norte da Espanha, surgido na Idade Média e que, hoje, atrai milhares de turistas de todo mundo. O “Caminho de Santiago” tornou-se mais conhecido no Brasil e no mundo na década de oitenta, com a publicação do livro “O Diário de um Mago”(1987) de Paulo Coelho. Aliás, foi este livro, juntamente com “O Alquimista” (1988), que projetou Paulo Coelho como o escritor vivo mais lido do mundo atual.

¹² Para saber da programação destas “caminhadas” é só acessar “Caminho das Missões” no Google e outros. Paulo Coelho, em seu site oficial, mantém importantes informações sobre O Caminho de Santiago, percorrido por ele mais de uma vez.

Para se visitar os sítios arqueológicos das Reduções, ou *ruínas das missões*, existem dois **pontos de partida**:

A - **pelo primeiro dos Trinta Povos, San Ignacio Guazú (1609)**, no Paraguai. Ou, então,

B - **pelo último dos Sete Povos, Santo Ângelo Custódio (1706/7)**, no Rio Grande do Sul.

A primeira opção favorece mais aos de língua espanhola e a segunda aos de língua portuguesa, especialmente aos brasileiros.

Para quem optar pela primeira opção, ou seja, a partir de solo paraguaio, recomendamos começar por Asunción¹³, visitando a Capela dos Mártires, na Igreja de Cristo Rei, aos cuidados dos Jesuítas. Lá o peregrino verá a relíquia mais impressionante do Paraguai: **o Coração de São Roque Gonzáles** de Santa Cruz, o grande fundador das *Reduções*, hoje patrono do Paraguai.¹⁴ Poderá visitar, também, o Museu da Catedral, onde existem obras significativas e artísticas da época colonial, inclusive estátuas de origem jesuítica e franciscana.



Relicário do Cor. de Roque González e o exemplar de um “tacape” que vitimou sua morte.

¹³ Nestas páginas manteremos, preferencialmente, a nomenclatura própria de cada país.

¹⁴ Esta importante relíquia, reencontrada pelo Pe. Frederico Schwinn em 1928 na Cúria Geral dos Jesuítas em Roma, tem percorrido pelas dioceses do Rio Grande do Sul, em diversas ocasiões, como aconteceu por ocasião do Ano da Redenção, em 1989. No dia em que estive na Igreja São Paulo Apóstolo de Lagoa Vermelha, foi visitada por moradores da Capela de São Roque González da atual paróquia de Santo Expedito do Sul.

Partindo de Asunción em direção a Encarnación¹⁵, se cruza pela cidade de Yaguarón, fundada pelos franciscanos Luis Bolaños¹⁶ e Alonso de San Boaventura, em 1587, onde se pode visitar a imponente igreja de São Boaventura, construída pelo padre diocesano, Carlos Penayos de Castro, concluída em 1772. Este templo, em bom estado de conservação, é um testemunho eloqüente do barroco paraguaio, digno monumento à dedicação evangelizadora do clero secular colonial.

O magnífico templo está no centro de uma quadra arborizada. Destaca-se no seu lado direito um típico campanário de madeira. Com exceção das paredes, com cerca de dois metros de espessura, toda a igreja foi construída com madeiras nobres da região e colorida - paredes, teto e altares - com tintas fabricadas pelos próprios indígenas, a partir de frutos e flores de cujas propriedades eram exímios conhecedores.

Como nas Reduções, o entalhe do altar-mor tem “grande valor didático para a catequese dos indígenas”. Chamam atenção, especialmente,



Templo de Yaguarón

as representações de cada pessoa da Santíssima Trindade, inclusive do Pai Eterno, e o púlpito, sustentado por uma figura de anjo de feições guaranis, construído, grande parte dele, a partir de um único tronco. A mesa do altar,

¹⁵ Encarnación, na margem direita do rio Paraná, local de uma das primeiras reduções fundadas por Roque González (1614), hoje capital do departamento de Itapúa, é a 3ª maior cidade do Paraguai, com cerca de 100 mil habitantes.

¹⁶ Luis Bolaños foi quem por primeiro traduziu o Pequeno Catecismo e algumas orações para a língua guarani.

adaptada para as celebrações eucarísticas pós-concílio Vaticano II, traz o emblema dos Jesuítas, lembrança da antiga igreja, construída no período em que a paróquia esteve sob a responsabilidade dos Jesuítas.

Ao ultrapassar o rio Tebicuary chega-se ao território destinado às **Reduções Jesuíticas**, onde naquela

época não havia colonos espanhóis. Nesta região mesopotâmica, entre os rios Paraná e Tebicuary, se situam as *ruínas* de oito *reduções* da fase áurea dos famosos **Trinta Povos das Missões**: Santa Maria da Fé, San Ignacio Guazú, Santa Rosa de Lima, Santiago, San Cosme y Damian, Itapúa (Encarnación), **Trinidad e Jesús**¹⁷. Parte desta região se constitui, hoje, no departamento (estado) de Misiones, que tem por capital San Juan Bautista, onde havia uma Capela da estância¹⁸ que sustentava San Ignacio Guazú e, parte no departamento de Itapúa, que tem por capital Encarnación.

As *ruínas das reduções* do Paraguai merecem uma visita especial não só pela preciosidade de centenas de imagens artisticamente esculpidas pelos Guaranis, ainda conservadas especialmente nos Museus de San Ignacio Guazú, Santa Maria da Fé, Santa Rosa e Santiago, como também porque, entre elas, conservam-se habitações indígenas daquela época, algumas das quais continuam sendo habitadas por descendentes da raça guarani como, por exemplo, em Santa Rosa.



topo de uma coluna e parte do teto, tudo colorido com elementos típicos da região.

¹⁷ Sinalizamos em negrito as que se tornaram Patrimônio Cultural da Humanidade, juntamente com São Miguel das Missões (UNESCO, 1983).

¹⁸ Área destinada à criação do gado. Cada redução tinha a sua estância.

Visitadas as ruínas dos **departamentos de Itapúa e de Misiones do Paraguai**, cruzando o rio Paraná pela ponte internacional Roque Gonzáles de Santa Cruz, chega-se à **província de Misiones da Argentina**, região onde se situavam mais 15 dos Trinta Povos¹⁹: **San Ignacio Mini**, Corpus, **Loreto**, **Santa Ana**, Santos Mártires, San Javier, **Santa Maria la Maior**, Concepción, Santos Apóstoles, San José, San Carlos, Candelária, San Tomé, La Cruz e Yapeyú.



Centro de Posadas, vendo-se ao longe a cidade de Encarnación.

A província de Misiones tem por capital Posadas²⁰, local onde fora fundada Itapúa (ponta de pedra), pelo Pe. Roque González (25.03.1615), transferida em seguida para o outro lado do rio Paraná, onde hoje se localiza Encarnación.

¹⁹ As quatro reduções situadas mais para o sul, estão em território da província de Corrientes, que desde 1814, no governo de Posadas, havia anexado Misiones ao seu território, da qual se separou só em 1953. Misiones foi invadida pelo Paraguai em duas oportunidades: 1838 e 1865.

²⁰ Posadas, com aproximadamente 300 mil habitantes, progrediu às custas de muitas serrarias e indústria da madeira. Hoje, com boa rede de hotéis, tem na vida noturna ao longo da *Costanera* um dos seus maiores atrativos, com bons restaurantes e temperatura amena em tempos de verão.



Posadas vista da ponte sobre o rio Paraná.

Esta breve introdução, para uma visita às Reduções a partir de Asunción, quem sabe possa despertar o interesse de turistas brasileiros que desejam ampliar os seus conhecimentos sobre as *ruínas das missões*. As oito Reduções do Paraguai, com abundantes ruínas como em Trinidad e com

algumas habitações conservadas e ainda habitadas por descendentes guaranis como em Santa Rosa, bem como pela riqueza da arte sacra exibida pelos seus museus como em Santo Ignacio Guazú e Santa Maria da Fé, possuem a magia de nos transmitir uma idéia bastante aproximada das famosas comunidades jesuítico-guaranis daquele tempo.

Para quem Parte do Brasil

2.1 Santo Ângelo e a sua Catedral

Para quem chega do Brasil, o ideal é iniciar pela cidade de **Santo Ângelo**, que é como que a *porta de entrada* para a *região missioneira*. Santo Ângelo, além de se autodenominar a capital da região, tem investido muito em pesquisa e divulgação de suas raízes missioneiras.¹

Santo Ângelo tem sua origem no conjunto dos Povos que integram a história das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul, no segundo ciclo missioneiro (1682-1767)².

Fundado em 1706³ pelo Pe. Jesuíta belga Diogo Haze, Santo Ângelo Custódio foi o último dos Sete Povos Missioneiros, precedido por São Francisco de Borja (1682)⁴, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo (1687), São Lourenço Mártir (1690) e São João Batista (1697).

¹ No início de abril de 2008, a RBS TV apresentou no Jornal do Almoço três reportagens ilustrativas, comprovando o interesse da administração municipal de investir em pesquisa e até no intercâmbio com suas origens na Espanha.

² No primeiro ciclo ou primeira fase (1609-1641), foram fundadas 15 a 18 reduções no Rio Grande do Sul, abrangendo uma região bem mais vasta daquela ocupada pelos Sete Povos. Confira o mapa das primeiras páginas.

³ Santo Ângelo já comemorou seus 300 anos de fundação em agosto de 2006. Esta redução, inicialmente construída entre os rios Ijuí e Ijuízinho (no atual município de Entre Rios), foi transferida, no ano seguinte, para a margem direita do rio Ijuí, onde hoje se situa a cidade de Santo Ângelo. Daí porque alguns autores consideram o ano de 1707 como sendo a data de sua fundação.

⁴ Nem todos os autores aceitam 1682 como data de fundação de São Borja, alguns preferem 1687, argumentando que a partir de 1682 havia apenas um acampamento, destinado ao cuidado do gado da redução de São Tomé, do outro lado do rio Uruguai.

Como todos os Sete Povos, Santo Ângelo logrou notável desenvolvimento econômico e social. Porém em 1750, com a assinatura do Tratado de Madrid, entre Espanha e Portugal, desencadeou-se a trágica Guerra Guaranítica (1754-1756), provocando a decadência do modelo civilizatório jesuítico-guarani. Com a expulsão dos Jesuítas⁵, o governador de Buenos Aires, Dom Francisco de Zavala, assume, a administração das Missões dos Sete Povos. E os jesuítas foram substituídos por missionários de outras congregações: dominicanos, mercedários e franciscanos, que além de não estarem ambientados ao *modus vivendi* dos guarani, sua língua e sua cultura, não tiveram o comando administrativo dos Sete Povos, como tinham anteriormente os jesuítas. A administração político-econômica passou para as mãos de civis ou militares, na maioria das vezes pessoas inescrupulosas, mais interessadas em tirar proveito próprio do que defender a causa indígena.

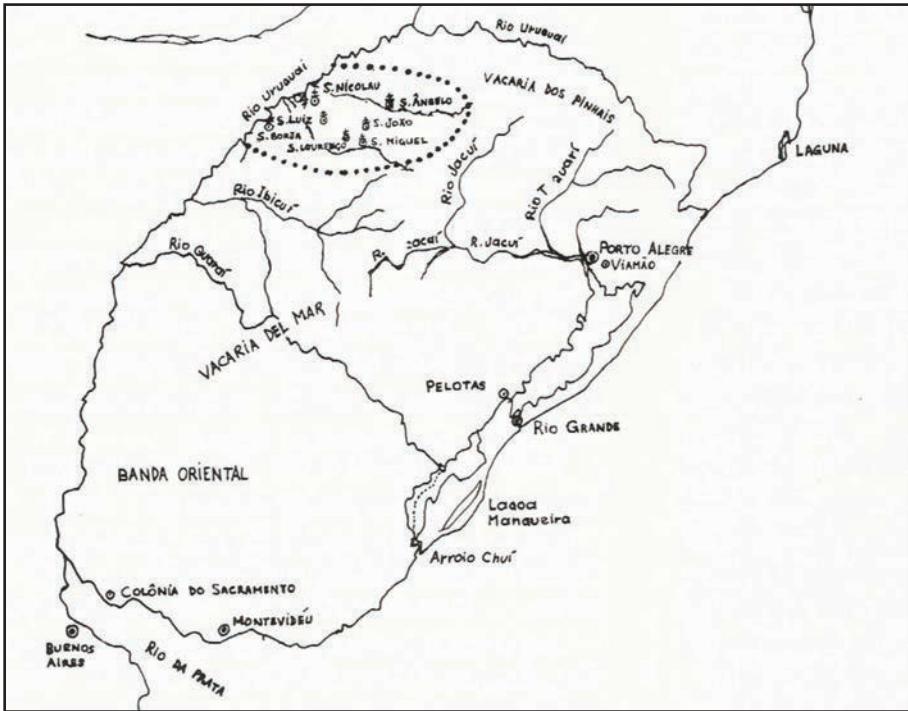
Depois dos jesuítas os guaranis viveram como órfãos. Tratados como *raça indolente*, *bugres brancos*, gente pobre e *preguiçosa*, os guaranis resistiram na defensiva. Sem perspectivas para um futuro melhor, muitos perderam até a vontade de viver. Desolados e cada vez mais distantes do sonho da “*terra sem males*”, órfãos de pai e mãe, muitos dos pobres guaranis que restaram foram absorvidos pelas fazendas dos criadores de gado daqueles tempos! Foi desta gente, *sem eira nem beira*, segundo o historiador Moacyr Flores, *que se forjou em tempos de saudosismo tardio*, a imagem do *centauro dos pampas*, até chegarmos à figura gloriosa do *gaúcho* de nossos dias: mistura de índio, espanhol e português.

A região das Missões, como se sabe, mesmo depois do Tratado de Madrid (1750) continuou sem nacionalidade definida por diversas décadas. Santo Ângelo abrigou um destacamento militar castelhano até 1801, quando, por cochilo castelhano e por esperteza de um jovem, famoso ladrão de cavalos, toda esta região foi definitivamente incorporada ao território brasileiro⁶.

⁵ Os Jesuítas das Reduções tiveram um ano de tolerância, retirando-se em definitivo no ano de 1768, talvez pela fidelidade que os mesmos sempre demonstraram ao rei de Espanha.

⁶ Para os interessados no assunto: DOMINGUES, Moacyr. A Conquista das Missões: um inígnia histórico. **Anais do Iº Simpósio Nacional de Estudos Missionários**. Canoas: LA SALLE, 1977, p. 61-75. FLORES, Moacyr. A Conquista das Missões. **Anais do IIIº SNEM**. Canoas: LA SALLE, 1979, p. 186-196.

OS SETE POVOS DAS MISSÕES



Fonte: MISSÕES presente-passado-futuro, Talento Editorial Ltda, Porto Alegre, 1990, p. 18

Após 1831 ocorreram sucessivas ocupações do território missioneiro por famílias paulistas que povoariam a região, atraídos pelo cultivo da erva-mate e pelo comércio de gado, constituindo-se no lastro humano que iniciaria, em 1859, o repovoamento da região e da futura cidade de Santo Ângelo. As primeiras moradias reaproveitaram o local, as pedras das ruínas e o nome da antiga redução.

A emancipação político-administrativa ocorreu aos 22 de março de 1873, mas foi a partir de 1891, que a vida sócio-econômica e cultural de Santo Ângelo começou a registrar importantes modificações, motivadas pela chegada de imigrantes europeus. Outras correntes migratórias somaram-se ao processo de formação étnica, contribuindo de forma expressiva para o desenvolvimento econômico da região e do seu traço cultural

mais forte, a união e a solidariedade de sua gente. Santo Ângelo, hoje com cerca de 100 mil habitantes, ostenta o título de Capital das Missões.

Hoje, no local da antiga *redução* de Santo Ângelo Custódio apenas se encontram alguns vestígios de *ruínas*, recentemente colocados a salvo⁷. Além de boa estrutura hoteleira,⁸ a cidade de Santo Ângelo abriga a **Catedral das Missões**.



A antiga São Miguel que inspirou a Catedral de Santo Ângelo, totalmente renovada interna e externamente (2009)

Ao idealizarem a construção da **igreja mãe da diocese** (1929), seus dirigentes optaram por uma *réplica aproximada* da antiga igreja de São Miguel das Missões. A Catedral construída em pedra grês e tijolos, inaugurada em 1962, está localizada no mesmo local da antiga igreja de Santo Ângelo Custódio (da Guarda). No alto do frontispício sete imagens, esculpidas em pedra grês, representam os santos padroeiros dos Sete Povos. Seu interior, composto por três naves separadas por arcadas e abóbadas abriga uma imagem do Cristo Morto, esculpida em tamanho natural, por volta de 1740, além de outras obras sacras. Recentemente foi

⁷ Dentre os Trinta Povos das Reduções, além daquelas que a UNESCO as tombou como Patrimônio da Humanidade (São Miguel, no Brasil; Santa Maria Mayor, Santa Ana, Loreto e San Ignacio Mini, na Argentina; Trinidad e Jesús, no Paraguai), só restam *vestígios preservados* nas reduções de São João Batista, São Lourenço Mártir e São Nicolau (no Brasil); Candelária (na Argentina) e Santa Rosa, Santiago, Santa Fé e San Cosme y Damian (no Paraguai).

⁸ Hotel Marki Tel: (55) 3313-2127; Hotel Nova Esperança: (55) 3312-1173; Santo Ângelo Turis Hotel: (55)3313-5255,etc.

retirado um painel que dá início à obra de pintura da “Saga Missioneira”⁹.



Muitas excursões de estudantes a São Miguel das Missões começam pela visita à Catedral de Santo Ângelo (Dez/2009).

No jardim da rua em frente ao Museu Pe. Antônio Sepp, se encontra um Monumento ao Índio Missioneiro¹⁰, homenagem ao heroísmo e resistência dos Guarani, onde se destaca a figura de Sepé Tiarajú. No pedestal do mesmo o alerta do líder da Guerra Guaranítica: “*Esta terra tem dono!*”



⁹ A obra do artista santoangelense, Tadeu Martins, pintada no início da década de 90, retratava a conversão dos indígenas à fé cristã. Esta tem gerado muita polêmica e, por isso, quando da última reforma da Catedral, concluída em setembro de 2008, com o consentimento do seu autor, foi retirada da Igreja. Segundo o padre Rosalvo Frey, pároco durante o período de restauração, a comunidade de Santo Ângelo pode se orgulhar de ter renovado e completado com esmero ímpar esta maravilhosa Catedral, com recursos próprios, sem onerar os cofres públicos de qualquer espécie. Parabéns! Ficou linda mesmo, vale a pena visitar.

¹⁰ A obra é do escultor santo-angelense Olindo Donadel, e foi executada na década de 1960 (1967).

Em Santo Ângelo o visitante encontrará outros pontos culturais como o Museu Municipal, que preserva evidências de várias etapas da história regional. No Teatro Municipal Antônio Sepp e no Centro Municipal de Cultura Santo Ângelo Custódio, encontram-se as pinturas murais da artista plástica Dirce Pippi, em homenagem ao “tropicismo” e às “tradições gaúchas”. No prédio da antiga Estação Ferroviária o “Memorial à Coluna Prestes”, único no país a homenagear a Grande Marcha, cujas primeiras reuniões aconteceram neste local, em 1924¹¹.

Se alguém, ou grupo de estudantes romeiros, só tem um dia para visitar as **Ruínas de São Miguel**, é interessante reservar duas ou mais horas que antecedem à noite, para visitarem o **Santuário do Caaró**, a 53 kms de Santo Ângelo, pela BR 285. Mas, se tiverem disposição e tempo suficiente, a sugestão é visitarem também as *ruínas de São João Batista*, em São João Velho, município de Entre-Ijuís. Elas ficam pelo caminho, a 23 km do Trevo sobre a BR 285, entrada para Santo Ângelo (depois de 17 km pela BR 285, em direção ao poente, entrar pela esquerda. São mais 6 km de estrada não pavimentada).

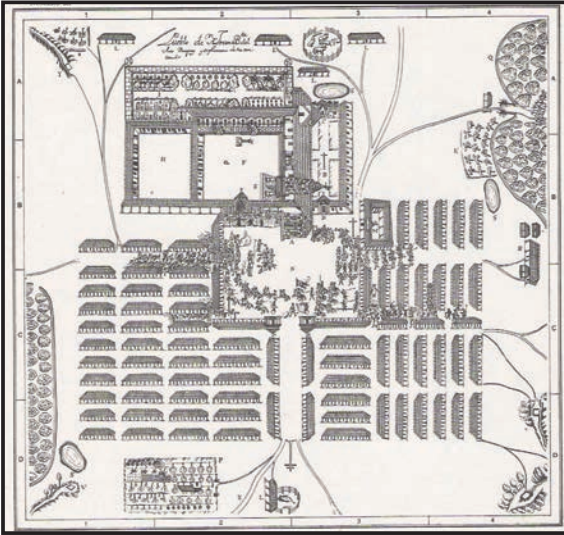


Adaptado para visitar os Sete Povos e sítios missioneiros tombados pela UNESCO na Argentina e Paraguai

¹¹ A Coluna Prestes que andou mais de 12 mil kms pelo interior do Brasil, passou pelo longínquo Acre, desfazendo-se em solo Boliviano. Euclides Távora, um dos seus integrantes, se fixou em Xapori, repassando ideias socialistas ao patrono da ecologia, Chico Mendes, assassinado em 1988.

2.2 Ruínas de São João Batista:

A população de São Miguel tinha crescido bastante, daí a decisão do Pe. Antônio Sepp e seus companheiros de fundarem, já em 1697, esta nova redução, a apenas 15 km de distância, na direção de Santo Ângelo, na margem esquerda do rio Ijuí. Abaixo a maquete do Pe, Antônio Sepp:



São João Batista se destacou entre as demais reduções pelo seu elevado estágio de desenvolvimento cultural e industrial. Os relatos do Pe. Antônio Sepp falam dos corais com até oito vozes, da orquestra sinfônica e de um órgão construído na própria redução, além de outros instrumentos musicais como cítaras, flautas, fagotes e cornetas, entre

outros. Foi aqui, sob a orientação de seu fundador, o Pe. Antônio Sepp, que surgiu a primeira fundição de ferro em solo gaúcho.

De sua bela Igreja, toda adornada com pinturas catequéticas, em cuja torre havia um relógio onde ao meio-dia apareciam os apóstolos, restam apenas pedaços de muros de suas paredes.

As poucas **ruínas** que restaram, não deixam de ser um testemunho eloqüente de que um projeto de vida comunitária, promissor na sua origem, foi interrompido por interesses políticos e econômicos de gente que veio de longe, da Espanha e Portugal daqueles tempos. Ah, se essas pedras falassem, com certeza teriam muito a dizer dos sonhos dos seus artífices e das desgraças que se seguiram a partir do Tratado de Madri (1750) e da expulsão dos Jesuítas (1768)!



2.3 Santuário do Caaró

Situa-se a 53 km de Santo Ângelo, seguindo pela BR 285 em direção ao poente. Recentemente foi construído um restaurante e quiosque turístico junto à BR 285, no ponto da entrada para o Santuário. Deste, segue-se até o alto de uma colina, por mais 2 km em asfalto.

A região em volta é muito bonita. No meio da suave colina arborizada, no local onde foram martirizados Roque González e Alonso Rodrigues, está o Santuário do Caaró. A pequena igreja, construída por iniciativa do Pe. Max von Lassberg em 1936 e concluída em 1992, apresenta um ambiente de simplicidade e muita luz, favorecendo a oração e convidando a meditar sobre os mistérios do primeiro anúncio do Evangelho em terras gaúchas. Ao lado, mais recentemente, foi construída também, a Casa de Retiros Pe. Antônio Sepp, com capacidade para acolher 45 pessoas.



No domingo do 3º final de semana de novembro acontece aqui a chamada *Romaria dos Santos Mártires das Missões*¹², atraindo milhares de devotos. Dentro da mata, um pouco abaixo da Igreja, existe uma fonte que, segundo a tradição, teria sido abençoada pelo Pe. Roque.

Muitos peregrinos se servem da água desta fonte, acreditando em poderes curativos. Sabemos que São Roque González é venerado como padroeiro da cidade de Encarnación, bem como patrono do Paraguai, contudo, como bem sinalizou Larry Rohter, jornalista do *The New York Times* em extensa reportagem publicada em 3 de dezembro de 2006: “*Aqui, como em nenhum outro lugar do território de abrangência dos Trinta Povos, teve origem e*

¹² Neste ano de 2017, no dia 19 de novembro, acontecerá a 21ª. Romaria



se desenvolveu tamanha fé popular de cunho missioneiro. Devotos e peregrinos vindos de toda região, até do Paraguai, da Argentina e do Uruguai, aqui chegam em busca de solução para seus problemas ou para pagarem suas promessas”.

Em frente ao Santuário, a Cruz Missioneira que, afinal, haveria de se tornar símbolo de toda a região missioneira.

Ao lado da capela-santuário, o monumento aos **Três Mártires das Missões**¹³. Diante de cada um deles, uma lápide com resumidos dados biográficos:

Afonso Rodríguez: Natural de Zamora (1598), Espanha. Completou seus estudos superiores em Córdoba, Argentina. Iniciou seus trabalhos apostólicos entre os Guaicurús do Chaco. Martirizado aos 30 anos, junto com o Pe. Roque González, aqui no Caaró, no dia 15 de novembro de 1628.

Roque González de Santa Cruz: Nasceu em Assunção (1576). Conviveu com os índios Guaranis desde pequeno. Sacerdote diocesano aos 22 anos, dedicou-se à evangelização nos ervais da Serra de Maracaju. A seguir foi cura da Catedral por 9 anos. Em 1609, declinando dignidades eclesiásticas, tornou-se jesuíta para melhor dedicar-se à evangelização dos indígenas. As reduções que fundou no Paraguai e ao longo dos rios Paraná e Uruguai (11), testemunham seu incansável zelo pelos indígenas. Mártir aos 52 anos. Seu **coração** está conservado em relicário especial na Igreja de Cristo Rei em Assunção.

¹³ Os Três Mártires foram beatificados pelo papa Pio XI em 1934 e Canonizados por João Paulo II no dia 16 de maio de 1988. Talvez, o nome do Cacique Adauto, morto em defesa dos missionários na mesma ocasião, também será acrescentado ao dos nossos mártires canonizados.

João del Castillo: Nasceu em Belmonte (1596), Espanha. De família nobre, entrou para a Companhia de Jesus, após ter concluído o curso de Direito em Alcalá. Veio para a América no mesmo navio do colega Afonso Rodríguez, numa viagem das mais acidentadas, chegando em Assunção 105 dias depois da partida, em 1616. Lecionou em Concepción, no Chile de 1610 a 1621, antes de chegar a São Nicolau onde estudava o idioma guarani. Em agosto o Pe. Roque o levou a Pirapó, local do seu martírio, a 17 de novembro de 1628. Tinha 32 anos de idade.

No dia 1º de novembro de 1628, a convite dos caciques da região, chegaram ao local os padres Roque González e Alonso Rodrigues para fundarem a redução do Caaró de Todos os Santos.¹⁴ Depois de quinze dias, quando estavam para levantar o tronco sobre o qual se pendurava o sino, aconteceu o ataque pré-meditado pelos enviados do cacique e pajé Nehçú, principal de toda a região. Aqui foram martirizados, no dia 15 de novembro de 1628, os padres Roque González de Santa Cruz e Alonso Rodriguez. O Pe. Juan del Castillo foi morto dois dias depois, no local conhecido por Pirapó.¹⁵

Caaró já foi palco de uma das *Romarias da Terra* (1989)¹⁶. Seguindo a pé, por trilha e estradas do interior, São Miguel fica a 17,2 quilômetros de distância. Todo o ano, no mês de setembro acontece uma caminhada entre estes dois locais, símbolos das duas fases ou ciclos missionários. Retornando pela BR 285 são mais 26 quilômetros de volta, até São Miguel.

¹⁴ Os padres já estavam instalados em São Nicolau (1626) e Candelária do Piratini (2 de fev de 1628), de onde partiram, a convite dos caciques Guaimica e Guabirobaiguaçu, para fundar esta redução, local de seu martírio. A primeira Candelária (do Ibicuí) fora destruída (1627). Caaró significa “ninho de vespas” ou “erva amarga” (?)

¹⁵ Aos interessados em conhecer maiores detalhes sobre as circunstâncias da morte destes missionários, recomendamos RABUSKE, Arthur. **Mártires das Missões**. São Leopoldo: Revista Estudos Leopoldenses, nº 47, 1978.

¹⁶ A gênese da **Romaria da Terra** está intimamente ligada à história das Missões. A primeira foi realizada no dia 7 de fevereiro de 1978, em Caiboaté, São Gabriel, na celebração dos 222 anos da morte de Sepé Tiaraju e seus companheiros massacrados em defesa de suas terras, tendo como slogan: “**Esta terra tem dono!**” e a última, também no dia da morte de Sepé Tiarajú (07.02.2017), em Pontão, diocese de Passo Fundo, município que abrange Encruzilhada Natalino, emblemática na luta dos Sem Terra. A Romaria da Terra é promovida pela Comissão Pastoral da Terra (CPT/RS) e acontece sempre na terça-feira de carnaval.

2.4 Ruínas de São Miguel “das Missões”

O pórtico de acolhida dos visitantes, situado a pouca distância da BR 285, sobre a RS 536, a 16 kms das ruínas, é muito significativo. As estátuas representam São Miguel Arcanjo, Sepé Tiarajú, o Pe. Cristóvão de Mendonza – que introduziu o gado nos campos do Rio Grande do Sul – além de representantes dos guarani. A brado de Sepé Tiarajú, “Esta terra tem dono!” está escrita em guarani: *Co Yvy Oguereco Yara*.



Dentre as obras arquitetônicas missionárias, a igreja de **São Miguel Arcanjo** é muito conhecida e, sem dúvida, uma das mais representativas do esforço missionário jesuítico.

As ruínas da **capital dos Sete Povos**, além de serem as mais importantes em solo gaúcho, se constituem, com as ruínas argentinas de San Ignacio Mini e com as paraguaias de Trinidad e de Jesús, a mais alta expressão da arquitetura colonial de autêntica raiz americana, o *barroco missioneiro*.¹⁷ De fato, o celebre arquiteto João Batista Primoli (Giovanni Baptista Primoli), natural de Milão e professor de arquitetura antes de se tornar irmão jesuíta, e que também construiu vários edifícios importantes em Buenos Aires, deixou aqui a sua obra prima, comprovada pela magnífica fachada da igreja, de uma sutileza excepcional. Primoli, com o apoio e a ajuda do Pe. Francisco Rivera, também arquiteto, permaneceu em São Miguel entre os anos de 1735 a 1744.

O visconde de São Leopoldo visitou as reduções entre 1800 e 1819, deixando a seguinte descrição sobre a igreja de São Miguel: “*Nela se entrava por um alpendre de cinco arcos, sustentados por colunas de*

¹⁷ McNASPY, Clement. **Uma visita a las ruinas jesuíticas**. Asunción, Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch” (C.E.P.A.G), 1987, p. 89.

pedra branca e vermelha, rematadas por vistosa balaustrada, e sobre uma gradaria ... que coroava o frontispício, elevava-se a imagem de São Miguel, e dos lados as dos doze apóstolos; a igreja é de três naves... com cinco altares de talha dourada, e excelentes pinturas, e ao entrar na porta principal via-se à direita uma capela com seu altar e a pia batismal. A torre era também de pedra com seis sinos”.

Durante grande parte do século XIX a igreja esteve abandonada, sofrendo não só por causa dos parasitas, mas também por causa das escavações subterrâneas dos caçadores de “tesouros” jesuíticos, nunca encontrados, porque os verdadeiros tesouros destes eram os pobres índios que defendiam como se fossem seus filhos.



É bom chegar ao **sítio arqueológico de São Miguel** umas duas horas antes do anoitecer, a fim de melhor visualizar as **ruínas**, tirar umas fotos, comprar alguma lembrança (de preferência feita pelos guaranis remanescentes que habitam nas proximidades), fazer algum lanche e preparar o espírito para assistir ao emocionante espetáculo **”Som e Luz”**.

No local há um **museu**¹⁸, com muitas peças do tempo das *Missões*: dezenas de estátuas de madeira, sinos e muitos fragmentos de decoração arquitetônica. Vale a pena apreciá-las com atenção. Infelizmente, nas ruínas (ou sítios arqueológicos) do Brasil e da Argentina sobraram poucas imagens, ao contrário dos locais das antigas reduções/missões do Paraguai, onde essas pérolas da arte missioneira podem ser apreciadas, especialmente em Santo Ignacio Guazú, Trinidad e Santa Rosa.

¹⁸ O edifício deste museu, idealizado segundo o estilo das habitações indígenas, é da autoria do famoso arquiteto Lucio Costa, construtor de Brasília.



Não menos significativa é a “**Cruz Missioneira**”, com seus quatro metros de altura, entalhada num bloco único de pedra grês, com duas hastes, diríamos 4 braços, e que se tornou símbolo das Missões.¹⁹ De onde teria vindo a inspiração do formato estranho desta cruz? Da cruz de Caravaca ou de Lorena? Segundo estudos do Pe. Arthur Rabuske, provavelmente foi o Pe. Antônio Sepp que, inspirado em cruzes semelhantes encontradas no Convento dos beneditinos de Mariember e na Igreja dos Jesuítas de Altotting, na Baviera, primeiramente a desenhou na planta da Redução de São João Batista (reproduzida acima) e, posteriormente, a teria difundido em outras reduções por onde tem passado, como por exemplo em Itapúa (Encarnación) e Santo Ignacio Guazú no Paraguai, reduções nas quais se encontram cruzes semelhantes.

¹⁹ A cruz que aqui está não é originária da antiga São Miguel. Foi trazida para cá no século passado, provavelmente de uma das reduções dos Sete Povos: de São Lourenço, de São Luiz Gonzaga? não se sabe com certeza.



“**Som e Luz**”, que conta a glória das Missões e sua trágica destruição, de uma forma poética, músicas sugestivas e audiovisuais cativantes, é exibido todas as noites, uma hora depois do sol se pôr. Sob o céu coberto de estrelas, pela lua ou por nuvens, aos poucos a escuridão acolhe os visitantes e, ao mesmo tempo esconde o cenário das *ruínas*. Diante dos expectadores que vão subindo na arquibancada ou se sentando na grama, esconde-se o vulto da igreja, o símbolo mais conhecido dos povos missioneiros e que a saudade lhe deu a posteriori

o título grandioso de catedral. Todos os que estão aí, se sentem parte deste cenário vivo, no qual já aconteceram shows e chuvas de fogos de artifício, como no recital do tenor José Carreras. De repente a música de fundo é substituída por outra mais vibrante e começa o espetáculo. Então, somos transportados àqueles tempos (década de 1750), em que os exércitos espanhol e português arrasaram os Sete Povos das Missões. “**Som e Luz**”, que teve na sua montagem a direção de Darvin Gazzana, possuem a mágica extraordinária de fazer com que aquelas ruínas falem e, do meio da noite, saiam a campo personagens marcantes da história das Reduções, tais como: o Pe. Antônio Sepp, o arquiteto Giovanni Batista Primoli, o líder indígena Sepé Tiarajú e outros, além de toda a comunidade indígena. Por isso se diz que, visitar as **ruínas de São Miguel** sem assistir a esta maravilha, é como ir a Roma e não ver o papa²⁰.

²⁰ **Som e Luz**, com versão digitalizada e modernos equipamentos de som e iluminação, criação de Gerry Marques e Egon Alscher, compete em beleza artística com espetáculos semelhantes aos das Pirâmides do Egito e Teotihuacán no México. O espetáculo, com duração de 48 minutos, é exibido todas as noites entre às 20 e 21 horas, dependendo do horário de verão. Informações pelo Tel (55) 3381-1291.

A seguir um resumo do roteiro e texto desta peça magistral, a fim de que o visitante possa tirar maior proveito:

O diálogo principal, durante a exibição do teatro “Som e Luz”, acontece entre a Terra e as Ruínas. Diálogo que resume, de forma poética, a história da nação dos Guaranis, “*que fizeram brotar uma flor incomum e solitária na primavera humana*”. Terra e Ruínas convidam os homens, que viveram ou passaram por aqui, a se fazerem presentes. Quem por primeiro aparece é o Padre Antônio Sepp²¹, que convida os *estranhos espectadores* a percorrer com ele as ruas da *ofuscante São Miguel* daquele tempo. Ao som musical de instrumentos *feitos aqui mesmo*, pelos *bravos* Guaranis sob a guia dos mestres *jesuítas* – que atravessando o *oceano do tempo*, aqui chegaram *sem corromper a sua existência* – os expectadores da noite visitam a escola, as oficinas, a padaria, o matadouro, a olaria, o moinho, o atelier dos pintores e dos músicos.

A *Catedral*²² também participa da conversa com Giovani Primoli e Giusepe Brasanelli, respectivamente arquiteto e decorador deste templo magnífico, agora reduzido àquelas poucas paredes em ruínas.

Repentinamente entra em cena o *emissário* de Espanha e Portugal, anunciando o recente Tratado de Madrid de 13 de janeiro de 1750, através do qual as duas nações da península ibérica trocaram entre si “*a colônia de Sacramento, situada ao sul da colônia de São Pedro do Rio Grande, onde os portugueses tinham se instalado desde 1680, pelos Sete Povos das Missões, localizados a leste do Rio Uruguai*”.²³ Era o começo do fim trágico dos Sete Povos das Missões.

Depois de se ouvir o canto da Ave Maria, especialmente composto por Jorge Preiss, para o espetáculo “Som e Luz”, acontece um diálogo comovente e intrigante entre o representante *jesuíta* e o *Marquês de Valdelírios*, interrompido apenas por um *coral de crianças*. Segue-se depois breve narrativa, esplanada num primeiro momento entre a *Terra* e a *Catedral*, e a seguir por *José Joaquim Viana e Gomes Freire de Andrade*, representantes das duas nações, encarregados da execução do *fatídico tratado* nos idos de 1754 a 1756. Segue-se até o fim da Guerra Guaranítica, com a tragédia de Caiboaté e o grito eloquente e derradeiro

²¹ Interpretado por Paulo Gracindo.

²² Na voz de Fernanda Montenegro.

²³ Os padres receberam o encargo de convencer os Guaranis dos Sete Povos a se trasladarem para a margem direita do Rio Uruguai, levando consigo apenas os seus bens móveis e semoventes, abandonando suas casas, terras e plantações.

de Sepé Tiarajú²⁴: *“Terra que circula em nossos corpos, é teu o nosso trabalho. Ventos claros, rios prateados, independência natural, esposa comum, liberdade, é por ti a nossa luta, e toda nossa lealdade”*.²⁵

Quem assiste a “Som e Luz” chegará, por certo, à conclusão de que *“o drama de São Miguel foi um episódio histórico de importância transcendente, parte do drama imenso das Reduções, as quais são parte da epopéia missioneira da cristandade”*, como escreveu Clement James McNaspy.

A São Miguel de hoje oferece abrigo²⁶ para acalantar uma noite de muitos sonhos onde os índios missioneiros, por certo, serão os seus principais figurantes.

2.5 Ruínas de São Lourenço Mártir

Santa Maria Maior, uma das antigas reduções do Paraná, que em 1633 haviam se trasladado para as imediações do povoado de Mártires, atual Argentina, dá origem a São Lourenço Mártir. Era o ano de 1690 quando o padre Bernardo De La Veja conduziu as 823 famílias, compostas por 3.512 índios, para este local, entre São Luís Gonzaga e São Miguel.



²⁴ Interpretado por Lima Duarte.

²⁵ Citações tiradas da publicação Som e Luz, São Miguel das Missões, RG do Sul, 1978, promovida pela Secretaria de Turismo do Estado.

²⁶ Pousada das Missões: Tel (55) 3381-1202; Vilson Park Hotel: (55) 3381-1202); Albergue da Juventude Tel (55) 3381-1030) e outros.

Assim como de São João Batista, também de São Lourenço Mártir sobraram poucos vestígios da antiga redução, que em 1732 chegou a atingir a população de 6.513 habitantes. No local só restam alguns muros, nada que lembre seu templo de cinco altares.



Como nos demais sítios arqueológicos, nos chama a atenção a perfeição das pedras esculpidas de forma artesanal. No livro bens e riquezas das Missões, que inventariou os Sete Povos, consta que a igreja tinha muitos objetos de ouro, prata e bronze, como crucifixos, cálices, coroas, etc. Provavelmente a imagem de São Lourenço que se encontra no Museu de São Miguel das Missões, pertencia à igreja desta redução.

2.6 “Ruínas” de São Luiz Gonzaga

Nada de especial sobrou de ruínas da antiga redução, fundada pelo Pe. Miguel Fernandez, no dia 3 de junho de 1687.



Na igreja Matriz são conservadas doze estátuas missioneiras esculpidas em madeira pelos índios e padres, destacando-se as **imagens de São Luís Gonzaga** e a belíssima imagem **do Cristo Morto**.



No Museu Arqueológico da cidade encontram-se materiais de cerâmica e outros, dos tempos missioneiros, e a **pia batismal** da igreja da antiga redução, que foi conservada em bom estado de conservação.

A Igreja de São Luís Gonzaga do tempo das Missões media 66 metros de comprimento por 22 de largura. Seu frontispício era adornado com frisos e cornijas de pedras brancas e vermelhas. Seu interior era de três naves e o teto sustentado por enormes troncos de ipê.

O povoado foi invadido sucessivamente em 1828 e 1829, pelo caudilho uruguaio Frutuoso Rivera, que o saqueou de tudo: gente, gado e bens deixando para trás apenas os índios inválidos. Infelizmente, o Colégio dos Jesuítas, perfeitamente conservado até o início do século passado, foi destruído na década de 40 para a abertura de uma rua.



Quem visita a atual igreja de São Luiz Gonzaga, além de apreciar algumas imagens dos tempos das missões, por certo, a visualização de uma pintura no altar do lado direito lhe chamará especial atenção: ali está uma representação original de Nossa Senhora do Chimarrão.

2.7 Ruínas de São Nicolau

No dia 3 de maio de 1626, dia da Santa Cruz, o Pe. Roque González, que já tinha visitado esta região no ano de 1620 e sempre acalentou o desejo de fundar reduções no Tape (população grande), atravessou o rio Uruguai, acompanhado por um grupo de guaranis recém-batizados e, com o Pe. Miguel de Ampuera, ao lado de uma cruz, presidiu a **primeira missa em solo gaúcho** de que se tem registro. Esta, como as demais reduções do primeiro ciclo missioneiro, foi abandonada em 1637 devido à perseguição dos bandeirantes.



São Nicolau, o primeiro dos Sete Povos, refundada no dia 2 de fevereiro de 1687 pelo Pe. Alonso de Castilhos foi a redução que mais resistiu a ordem de abandonar o solo gaúcho, em cumprimento ao Tratado de Madri de 1750. Em 1732 chegou a ter 7.751 habitantes. Em 1768, quando da retirada dos jesuítas, a população era ainda de 4.194 habitantes, sendo pároco o Pe. Filipe Arias.



Hoje, pouca coisa resta da antiga **Redução de São Nicolau**: um extenso piso coberto de pedras quebradas pelo tempo, restos de muros que mal conseguem se sustentar de pé. Sua riqueza cultural e estatuária está dispersa pelo mundo, algumas em museus públicos ou particulares, outras só na imaginação dos amantes desta história de saudade.



2.8 “Ruínas” de São Francisco de Borja

Para Aurélio Porto, autor da monumental *História das Missões Orientais do Uruguai*, São Francisco de Borja “é o mais antigo dos Sete Povos das Missões”, tendo sua origem em 1682, a partir de uma colônia formada por povoadores de San Tomé, estabelecida a oriente do rio Uruguai. Como se sabe, do lado de cá do rio existiu uma redução com o mesmo nome (San Tomé) entre os anos de 1632 até por volta de 1639, quando, afugentados pelos bandeirantes, migraram para a margem direita do rio Uruguai. Se São Borja foi fundada em 1682, ainda que por espanhóis, podemos dizer que esta é uma das mais antigas cidades do Brasil, pois foi povoada ininterruptamente desde aquela data. É, portanto, a mais antiga cidade do Rio Grande do Sul, pois os portugueses somente se estabeleceram na região que compreende este Estado, em 1737, na hoje cidade de Rio Grande.

Com toda certeza a partir de 1687, já existia toda estrutura necessária para a fundação desta redução, formada na sua maioria por descendentes daqueles índios que outrora já viviam nestes campos. Seu primeiro pároco foi o Pe. Francisco Garcia. Em 1706 foi iniciada a construção da igreja, sob a orientação do irmão José Brasanelli, medindo 66 metros de comprimento por 22 de largura. Em 1707 contava com 2.81 habitantes.

São Borja abrigou viajantes ilustres, como Bompland e outros, que deixaram importantes documentários sobre *as reduções em seu período pós-jesuítico*. É a terra onde durante muitos anos trabalhou o Pe. Côn. Juan Gay, autor de *História da República Jesuítica do Paraguai*.



Quanto a ruínas dos tempos missioneiros, pouco restou deste que foi o mais afastado dos Sete Povos, o mais exposto às influências do mundo leigo e, quem sabe, o menos guarani dentre todos. Teatro de muitas guerras e sucessivos assaltos, ninguém sabe do paradeiro do candelabro de prata de muitos quilos, de sua antiga igreja.

Os Sete Povos atingem o seu maior índice populacional em 1732: 39.343 pessoas. As três reduções mais populosas neste ano eram as de São Nicolau, com 7.751 habitantes; São Lourenço Mártir com 6.513 e São Luiz Gonzaga com 6.182²⁷.

²⁷ “Frutuoso Rivera, caudilho uruguaio, no dia 21 de abril de 1828, quando o Cel. Manuel da Silva Pereira era o administrador, invadiu os Sete Povos, e por oito meses devastou o território, levando consigo cinco mil índios, , 60 carretas com estátuas, sinos, ornamentos das igrejas, cálices, hostensórios, cruzes, capas de asperge, lanternas. Campainhas, violinhos, rebecas e rabeções, flautas, coroas, missais e rosários de ouro e 90 mil cabeças de gado,” segundo estimativas do Pe. Gay, pároco de São Borja até 1888). Por isso se diz que a invasão de Rivera, significou o fim trágico do regime missioneiro. “Quando o cel. Olivério J.Ortiz assume em fins de 1828, apenas um ou outro índio, como sombra vagabunda e errante de uma raça que se extinguiu, assoma pelas ruínas do templo e das casas, medrosamente. Não mais soavam as cantilenas dolorosas ou os cantos alegres da liturgia cristã”. Bem antes de Rivera, a região missioneira começou a ser despovoada. Quando o exército de Gomes Freire deixa Santo Ângelo, com destino a Rio Pardo, leva consigo mais de 700 famílias indígenas, que se “arrancharam” às margens do rio Butucaraí. Cevallos, mais tarde, mandou dois padres aconselhar aos índios para que voltassem as suas terras, mas estes não aceitam voltar aos domínios da Espanha. No dia oito de abril de 1763, o capitão Antônio Pinto Carneiro, conduziu mais de dois mil índios, procedentes de Rio Pardo, junto ao rio Gravataí, a 33 kms do Porto dos Casais (Porto Alegre), dando origem a famosa Aldeia dos Anjos, assim chamada porque a maioria eram crianças. Os poucos índios que sobravam estavam tão desanimados que, outro viajante, o Dr. Francisco Noronha, dirá: “Em 100 homens válidos, 80 são vadios ao ponto de que nem a fome, nem a nudez os obriga ao trabalho, e destes 80 vadios, 40 pelo menos são ladrões de gado. Vivem em pequenas cabanas, sem plantações ao redor, só se prestam a lida com o gado”. São estes índios dispersos pelos campos e fazendas que dão origem ao gaúcho, reabilitados pelos poetas e tradicionalistas posteriores.

Neste mesmo ano de 1732 o conjunto dos Trinta Povos abrigava 144.252 habitantes, o que representava muita gente, levando-se em conta que cidades como Buenos Aires e São Paulo, tinham apenas alguns milhares de habitantes. Por isso, se diz que para se ter uma idéia abrangente do conjunto dos Trinta Povos das Missões não basta conhecer as ruínas de São Miguel²⁸. É preciso visitar também a ruínas situadas em território argentino e paraguaio.

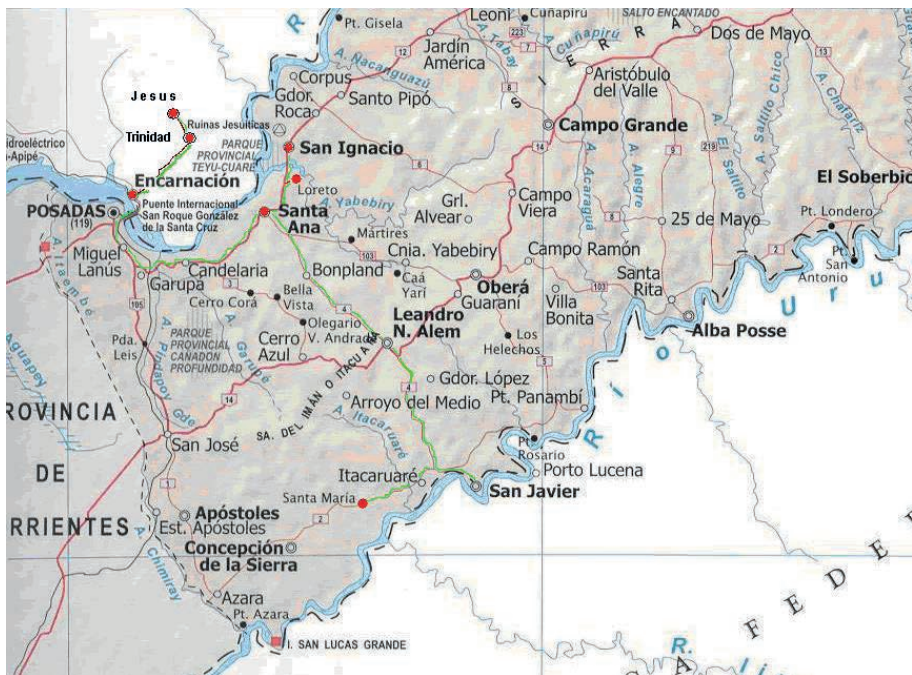
²⁸ Brasil, Argentina e Paraguai estão divulgando internacionalmente um **Roteiro das Missões** incluindo as ruínas de São Miguel, Santo Ignacio Mini e Trinidad, as mais significativas dentre todas.

As Ruínas Missioneiras da Argentina

A 24 quilômetros de Posadas, capital da província de Misiones, está **Candelária**, conhecida como a Capital dos Trinta Povos das Reduções. Porém, as *ruínas* mais significativas em território argentino são as de **San Ignacio Mini, Loreto, Santa Ana e Santa Maria la Mayor**, todas declaradas Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 1984.

Para quem chega do Brasil, depois de visitar as *ruínas dos Sete Povos*, existem dois caminhos para se entrar na Argentina: pela Ponte da Integração, entre São Borja e San Tomé, ou pela balsa de Porto Xavier. Para quem acabou de visitar São Miguel e pretende visitar em seguida às *ruínas das reduções da Argentina*, o melhor caminho é prosseguir em direção a Porto Xavier¹, distante 129 km de Santo Ângelo, por Guarani das Missões e Cerro Largo.

¹ Em Porto Xavier, ao chegar nas proximidades da balsa, se passa pela Aduana do Brasil e, após a travessia do rio Uruguai, pela Aduana Argentina. É bom ter sempre em mãos documentos como: Identidade (tb dos acompanhantes), Carteira de Habilitação, Certificado de propriedade do veículo (em nome pessoal), Carta Verde (de preferência levar pronta desde casa) e Certificado de Vacina contra febre amarela. Não esquecer de que na Argentina exigem 2 triângulos e faróis ligados durante todo o percurso. A Balsa funciona inclusive nos domingos, mas para evitar imprevistos Tel.



Folder da Secretaria do Turismo da Argentina – adaptado – seguir a linha verde

3.1 Ruínas de Santa Maria la Maior

Para quem chega do Brasil e deseja visitar também as ruínas desta redução, é bom que o façam logo que chegarem a San Javier, na Argentina, prosseguindo pela Ruta 2.

Esta redução, fundada em 1626, nas proximidades de Foz de Iguazú, conheceu o exílio forçado pelos bandeirantes. Primeiro os migrantes missionários se instalaram nas proximidades da redução de Concepción, e na década de 1690, se transferiram para este local, onde se encontram suas ruínas.

As ruínas desta redução foram declaradas Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1983, juntamente com Loreto, Ignacio Mini, Santa Ana (na Argentina); Trinidad e Jesús (no Paraguai) e São Miguel das Missões (no Brasil).



Local de recepção dos visitantes



a antiga praça de Santa Maria La Maior

O sítio arqueológico desta redução se encontra em meio à mata, distante uns 800 metros da Ruta 2. Ali, à direita da Ruta 2, se destaca uma construção típica onde, além de orientações dadas por pessoal especializado, pode-se comprar o *bilhete único* que dá acesso aos demais sítios arqueológicos da Argentina.

O sítio arqueológico compreende um descampado do tamanho de vários campos de futebol e uma infinidade de muros de grande porte, por entre as árvores, à direita de quem chega pela trilha de acesso às ruínas. Os muros do antigo templo, bem como das *viviendas* indígenas e das oficinas, impressionam pela simetria e exatidão.

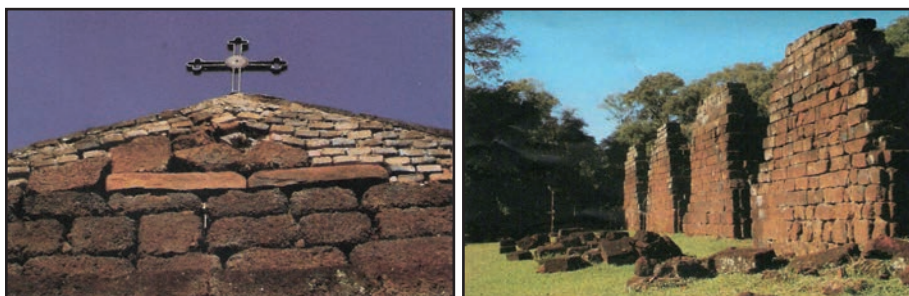
Seus muros, de grande porte, impressionam pela simetria e exatidão.



As árvores tomaram conta da maior parte das construções como do templo maior cujos muros podemos avistar parcialmente acima, na foto à esquerda. Um passeio por entre as árvores e depois pelo gramado do imenso descampado nos faz bem. O verde da mata nos envolve com

o seu perfume e nos embalou num clima de serenidade e paz. E aquelas pedras, outrora tão ardorosamente trabalhadas, espalhadas por toda parte, com seu silêncio falam de um passado glorioso que não volta mais. Na tentativa de interpretar a língua destas pedras, diríamos que elas são apenas rastros da caminhada de um povo em busca de uma *terra sem males*. O burburinho de então foi substituído pelo silêncio de agora, silêncio interrompido apenas pelo canto dos pássaros, talvez descendentes dos pássaros daqueles tempos.

Seu templo principal foi destruído por um incêndio ocorrido no início do século XIX, contudo, o templo provisório encontra-se ainda em bom estado de conservação, bem como os restos da residência dos padres e as oficinas.



Pela praticidade e importância sugerimos, concluído passeio pelo sítio de Santa Maria la Maior, visitar primeiro Loreto, depois San Ignacio Mini e por último Santa Ana. De San Javier, segue-se pela Ruta 4 até a Ruta 12 e, por esta (em direção à Puerto Iguazú). Até San Ignacio Mini são 96 km. Porém, como já dissemos, é conveniente visitar por primeiro, Nuestra Señora de Loreto, que fica no caminho, a dois km da Ruta 12.

3.2 Ruínas de Nuestra Señora de Loreto

Originariamente fundada no Guayrá (1610) pelos padres José Cataldino (Cataldini) e Simón Masseta (Maceta/Macetti?), às margens do rio Paranapanema, assim como San Ignacio Mini (1612), Loreto teve

que migrar para esta região no ano de 1631, devido a perseguição dos bandeirantes. Foi o Pe. Antonio Ruiz de Montoya, então provincial das reduções, quem promoveu a transferência de 12 mil índios rio abaixo, numa epopéia comparável a do povo hebreu em sua fuga da escravidão egípcia. Por isso mesmo, esta migração dos Guarani do oeste do Paraná atual para as terras de Misiones na atual Argentina, é divulgada pelos historiadores nome sugestivo de “*O Êxodo do Guayrá*”.



Nos últimos anos, assim como em Santa Ana, uma construção de estilo missioneiro, localizada na entrada do sítio histórico, oferece abrigo e suporte logístico aos visitantes que chegam, como: folders e até guias para acompanharem os turistas.²



Loreto, a redução que abrigou a primeira imprensa³ do Sul da América, uma importante biblioteca, que se destacou na produção de tecidos e cerâmica, e que em 1733 chegou a ter mais de 6 mil habitantes, foi literalmente engolida pela floresta.

Árvores sobre os restos da Capelinha

² Em fevereiro de 2008 o custo da entrada para adultos era de 9 pesos (5 reais).

³ João Batista Neumann e José Serrano foram os criadores da Imprensa de Loreto, feita com madeira da região, estanho e chumbo. O primeiro livro, impresso em 1701, foi o Martirólogo Romano.

Hoje a maioria das pedras das paredes, caídas por terra, parecem túmulos cobertos pela vegetação. Do majestoso templo só restam pedaços de muros, sobre os quais cresceram, e continuam a subir alto, duas palmeiras, que permanecem de pé, mesmo depois do violento ciclone que passou por aqui em novembro de 2007, quando centenas de árvores foram derrubadas. Algumas destas árvores deitaram sobre o abrigo à Capelinha da Virgem de Loreto, construído a pouco tempo, com recursos técnicos e econômicos patrocinados pela Alemanha atual.⁴



Paredes da Igreja de Loreto



palmeiras sobre o muro da igreja

⁴ Com recursos da Fundação Paraquaiá, foram preservados diversos monumentos históricos das Reduções do Paraguai.



Placas reproduzindo testemunhos escritos naquela época

Aqui está sepultado o Pe. Antônio Ruiz de Montoya. Registra a história que, após sua morte ocorrida em Lima (1652), de onde era originário, os moradores desta redução não sossegaram enquanto não trouxeram para cá os restos mortais de seu pai e grande defensor da liberdade dos Guarani⁵.

Caminhar por entre estas árvores seculares, algumas das quais parecem tentar segurar de pé restos de paredes da antiga redução de Loreto, fica-se a imaginar como era a vida dos índios missioneiros nestas terras e, inevitavelmente, surge a pergunta: Por que não foi diferente? Por que interromper a vida desta pobre gente? De que adiantou “vencê-los” para se deixar tudo no abandono? Ninguém responde, nem mesmo o vento que sopra no topo destas árvores.

3.3 Ruínas de San Ignacio Mini

Retornando a Ruta 12 e prosseguindo na direção norte, chegasse rapidamente ao maior sítio arqueológico missionário da Argentina: as **ruínas de San Ignacio Mini**.

⁵ Ao Pe. Antônio Ruiz de Montoya deve-se a impressão do primeiro Catecismo e de um Dicionário em língua Guarani (1639), enquanto esteve em Madrid para defender, perante o Rei da Espanha, a utilização de armas de fogo nas Reduções, a fim de melhor protegê-las contra os bandeirantes escravagistas vindos de São Paulo.

San Ignacio Mini, também originária do Guayrá (1612), irmã de Loreto na paternidade e no destino, aportou nestas terras primeiramente às margens do rio Yaberiri, em 1632. Em 1696 veio a se estabelecer no mesmo local onde hoje se encontram as ruínas. Assim como as demais reduções desta região, San Ignacio Mini foi destruída pelos paraguaios em 1817, caindo, depois disto em total abandono.

Foram os escritores Leopoldo Lugones e Horácio Quiroga os divulgadores e grandes promotores da revalorização das ruínas das missões em terras argentinas. Horácio de Quiroga, maior escritor uruguaio, escolheu San Ignacio Mini como local de inspiração de suas obras magistrais.

Na década de 1940 o governo argentino, através da Direção Geral de Arquitetura, promoveu uma total limpeza e restauração de suas ruínas, permitindo aos visitantes uma visão global do seu traçado urbano.



Entrada e bilheteria para San Ignacio Mini



Arte e beleza das construções

Aqui, como em nenhuma outra redução, se tem uma visão clara de como eram as habitações indígenas: cada pavilhão, cercado por varandas, era dividido entre 6 a 12 habitações de 5x5 m, cada qual abrigando uma família. O piso era de cerâmica construída de barro e moldadas com madeira. Entre os pavilhões existiam espaços consideráveis, utilizados como ruas, que geralmente confluíam para a praça central.



As *viviendas* ao redor da grande praça



Porta de entrada de uma das *viviendas*.



As colunas de pedras das varandas



Coluna de madeira

Como em todas as reduções, o templo era a primeira e principal construção de frente a grande praça central. Este de San Ignacio Mini tem 74 m de comprimento por 24 m de largura e altura de 15 m. Grande parte do piso da igreja, com pedras hexagonais, está conservado. O teto era sustentado por uma dupla fila de colunas de pedras, além das colunas de madeira incrustadas no interior das paredes. No seu interior encontrava-se o batistério e sobre este o campanário, além de quatro confessionários e dos três altares com suas diversas imagens.



Frontal da Igreja de San Ignacio Mini



Detalhe da frente do templo

No presbitério da igreja de San Ignacio Mini, algumas placas registram o nome de alguns missionários, cujos corpos foram aqui sepultados, entre eles José Cataldino e Simón Masseta, os fundadores das primeiras reduções no Guayrá.



Pátio das Oficinas



Colégio e aposento dos padres

À esquerda do templo, para quem o observa de frente, estava o *pátio dos padres, com seu púlpito, o colégio e a residência dos padres*. No mesmo quadrado *a casa dos chefes do povo, as oficinas e, por trás de tudo isso, a horta jesuítica*. À direita estava o Cemitério e, num canto deste, o *Cotyguazú, a casa dos órfãos e viúvas*.

Ao percorrer o interior e arredores do templo, especialmente no seu frontispício e presbitério, é importante observar a riqueza de detalhes trabalhados na pedra grês⁶. Na residência dos padres percebemos o esmero artístico, sobretudo no umbral das portas e janelas.



San Ignacio Mini acolhe hoje, milhares de turistas da Argentina, Uruguai e do mundo. O sítio arqueológico fica aberto para visitas das 7 às 19 horas, sendo que, às 21 horas acontece o espetáculo “Música e Luz”, quando os turistas podem apreciar as ruínas sob iluminação especial caminhar por entre elas ao som de músicas sacras⁷.

⁶ A pedra grês, abundante em terras missioneiras desta região do antigo Paraguai (hoje Brasil, Argentina e Paraguai), foi, além da madeira, a matéria prima das construções reducionistas. As pedras de San Ignacio Mini foram trazidas em carroças puchadas por bois, desde as barrancas do rio Paraná.

⁷ O espetáculo de luzes acontece às 19h, no inverno, e às 21h, nos meses de verão. Tel: (54) (03752) 447-539 / 447-540.

3.5 Ruínas de Santa Ana⁸

Fundada em território gaúcho, em meados de 1633, pelo padres Ignacio Martínez e Cristóvão de Mendoza⁹, no antigo Araticá, cabeceira do rio Ibicuí, a redução de Santa Ana chegou a contar com 7.700 habitantes. Em 1639, fugindo dos bandeirantes, se estabeleceu nas proximidades do local atual, fixando-se definitivamente em 1660 aqui, onde se encontram os melhores e mais volumosos vestígios arquitetônicos missioneiros da Argentina, depois de San Ignacio Mini. Esta é uma das 4 Reduções em território argentino, reconhecidas pela UNESCO (1983), como Patrimônio da Humanidade.

A imensa praça em frente ao templo está hoje cercada pela mata.



Suas ruínas, até bem pouco tempo estavam em grande parte tomadas pela vegetação. Árvores nascidas sobre seus muros, abraçavam as pedras numa tentativa de segurá-las de pé. Mas os peritos em conservação entenderam que era melhor eliminá-las e, algumas paredes continuam de pé graças a uma frágil sustentação de madeira e ferro.

⁸ Este sítio arqueológico foi palco de parte da filmagem de “Mission”, de Joffé e Robert Bolt, palma de ouro de Cannes 1978, disponível nas locadoras .

⁹ Ao Pe. Cristóvão de Mendoza, co-fundador de São Miguel das Missões, devemos a introdução do gado no Rio Grande do Sul. Em 1634, com a ajuda de sua família originária de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia atual, comprou cerca de 1500 cabeças de gado em Corrientes, trazendo-as para povoar os campos do Tape. Cristóvão de Mendoza, mais um mártir das Missões, foi morto enquanto fazia uma incursão de reconhecimento em terras de índios arredios, no dia 26 de abril de 1635. Naquela época estava trabalhando na redução de Jesus Maria, próxima a Rio Pardo. Até hoje não se tem certeza sobre do local de sua morte.



Paredes da Igreja de Santa Ana



escadaria da frente

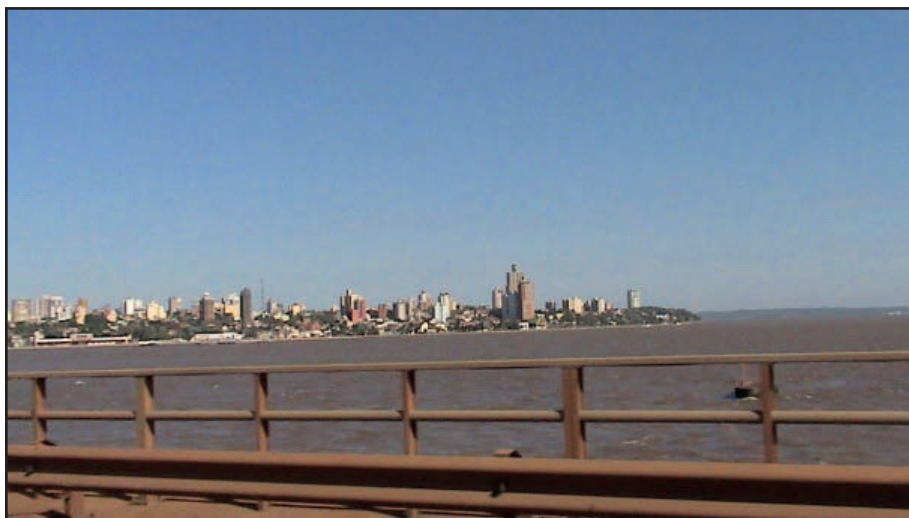


Também aqui, a exemplo de Loreto e Santa Maria la Maior, foi construído um portal de acolhida aos turistas

O Cemitério localizado à direita do templo continuou sendo utilizado pelos moradores da redondeza até meados do século passado, sepultando seus mortos em sepulturas contrastantes com ao contexto reducional.

No Altar-mor deste templo foram sepultados, entre outros, o famoso arquiteto Irmão jesuíta Giovanni Brassanelli. Santa Ana, quando da expulsão dos Jesuítas em 1767/8, contava com 4.344 habitantes.

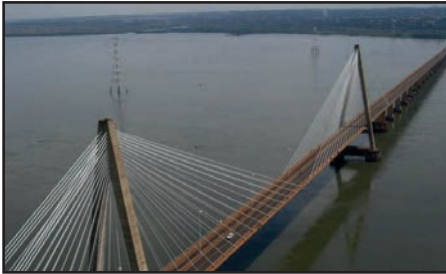
Depois de encerrar a visita às ruínas missionárias da Argentina, antes de passar para as Reduções do Paraguai, recomendamos passar uma noite em Posadas e desfrutar assim dos seus restaurantes e passeios à noite pela famosa *Costanera*, ao longo da barranca do rio Paraná.



Posadas, capital de Misiones, e parte da *Costanera*

As Ruínas das Reduções do Paraguai

O outro lado do rio Paraná reserva muitas surpresas para nós brasileiros. A travessia pela ponte internacional Roque González de Santa Cruz, entre Posadas e Encarnación, nos coloca em terras paraguaias.



Ponte Roque González de Santa Cruz



de longa extensão liga os dois países

No sul do Paraguai se encontra a primeira das reduções, Santo Ignacio Guazú, e a última, Jesús de Tavarangüe, cuja igreja foi interrompida a meio caminho, com a expulsão dos jesuítas em 1768. Milagrosamente, apesar das guerras, do vandalismo e descuido, aqui sobrevivem centenas de estátuas, pinturas e até edifícios construídos pelos Guarani e por seus mestres, os padres da Companhia de Jesus. E para felicidade dos admiradores da História das Reduções o governo do Paraguai tem investido bastante na pavimentação e sinalização de suas rodovias, facilitando a viagem de turistas e peregrinos.

Da antiga Itapúa, hoje Encarnación, nada restou de visível, nem mesmo do seu templo maior, obra do arquiteto, Irmão Brassanelli, demolido em 1848. Contudo, antes de prosseguir para Trinidad e Jesús, é interessante visitar a basílica contemporânea dedicada a São Roque González.

Encarnación, com seus 100 mil habitantes, é a terceira maior cidade do Paraguai e tem se tornado importante centro comercial para os argentinos, algo como Ciudad del Este para os brasileiros. A exemplo de Posadas, também por aqui existe a Costanera se constitui em importante local de encontro à noite.

Graças aos investimentos dos últimos anos, pode-se chegar a todos os sítios arqueológicos das *ruínas* das reduções paraguaias por via pavimentada. Para quem chega do Brasil, após San Ignacio Guazú, é interessante prosseguir até Asunción, retornando, depois, pela Argentina (ou, então, por Ciudad del Este).



Folder da Secretaria de Turismo do Paraguai

4.1 As Ruínas de Santíssima Trinidad

A apenas 29 quilômetros de Encarnación, pela Ruta 6, encontra-se Trinidad: o **maior conjunto arquitetônico de ruínas** dos Trinta Povos..

Trinidad foi fundada em 1706, pouco antes de Santo Ângelo no Rio Grande do Sul. Segundo registros históricos, grande parte dos

seus moradores era oriunda da redução de São Carlos, no Tape, de onde tinham migrado 70 anos antes. Foi também uma das últimas reduções a ser abandonada, depois da destruição comandada pelos ditadores Francia (1838) e Lopez (1865), e a invasão dos colonos. Em 1728 contava com uma população de 3.000 índios guaranis. O arquiteto da Igreja principal foi João Batista Prímoli, responsável também pelo traçado ou planta da redução.



Os arcos ao lado da praça se parecem com aquedutos romanos

A imensa praça, vendo-se ao fundo as ruínas do templo

Trinidad conta com uma enorme praça, em torno da qual se encontram as *ruínas* das antigas construções. Logo na entrada do sítio arqueológico, somos surpreendidos por uma infinidade de construções em forma de arcos, talvez sua principal característica diferencial em relação às demais reduções. Ao invés de colunas, oito arcos sustentavam as coberturas ao redor de cada pavilhão das habitações indígenas. Estas construções, sustentadas por arcos, lembram os aquedutos romanos.

Lá adiante, do outro lado da praça, o Templo Maior, cujo teto caiu por terra na década de 1940. Esta, com 86 m de comprimento por 45 de largura, era provavelmente a maior igreja de todas as reduções. Jaime Oliver, que conheceu todas as Reduções no momento da expulsão, descreveu a igreja de Trinidad como “*a maior e melhor de todas as Missões; toda de pedra, com uma abóboda formosa; toda com muita claridade, simetria e adornos; sua fachada e torres são algo de grandioso. Se tivesse sido concluída por inteiro teria sido insuperável na América daquele tempo e muito invejada nas principais cidades da Europa*”.¹

¹ McNASPY, Clement. **Uma visita a las ruínas jesuíticas** (1981). Asunción, CEPAG, 1987, p. 84.

No interior do templo maior encontram-se apenas a pia batismal e o púlpito com figuras representativas dos quatro evangelistas (este, nos últimos anos foi “retocado”). Merece atenção especial o pórtico que dá acesso à sacristia e uma série de anjos esculpidos no alto, ao redor do presbitério, cada qual tocando diferentes instrumentos musicais.



O templo maior com as suas grossas paredes



o púlpito com a escultura dos 4 evangelistas Figuras de anjos com instrumentos musicais

Segundo orientação dos guias turísticos do local, alguns motivos artísticos despertam a atenção dos amantes da arte, como: sobre o pórtico, de colunas com capitéis um tanto desproporcionais, com tripla fileira de folhas, que sustentam um friso com dois pilares e um motivo escultural central, formado pela cabeça de um anjo de flores, mais ao alto um penacho de flores e ramos formando grinaldas que chegam até o friso superior da nave da Igreja. Estes motivos artísticos são tidos, pelos entendidos da história da arte sacra, como dignos exemplares da arte colonial mestiça.



detalhes da porta da Sacristia

Na sacristia, cujo teto foi reconstruído a poucos anos e coberto com telhas missioneiras, existe um pequeno e rústico museu que abriga peças em cerâmica fragmentos arquitetônicos e estatuários e até ossadas de missionários sepultados na igreja. Muitas imagens foram danificadas por pessoas que acreditavam serem esconderijo de ouro

jesuítico. Onde estarão estes insensatos? Maldita ganância, de que te valeu interromper o esforço jesuítico-guarani na busca da *Terra sem Males*?

Infelizmente as belíssimas **imagens**, antes conservadas numa pequena igreja de pedra construída no século passado, ao lado do sítio arqueológico e que por motivo de segurança foram transferidas para outra igreja mais recente, não são de fácil acesso. Lá estão representadas, num único tronco, as Três Pessoas da Santíssima Trindade. Essa é, sem dúvida, uma escultura ímpar, fruto da criatividade artística dos Guarani e padres que trabalharam nesta redução.

Destacam-se outras imagens como a de Nossa Senhora da Conceição e do Carmo, a Imagem do Cristo Morto. Além da representação da Santíssima Trindade em um único tronco, existem outras imagens representando cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade em separado. Ao todo são 16 imagens, incluindo alguns anjos com traços guaranis².

² Quando visitei pela primeira vez estas ruínas fiquei impressionado com toda a riqueza escultural que havia naquela pequena Igreja de Pedra. Em fevereiro de 2008, antes de completar este Guia, retornando ao local, não conseguimos encontrar a pessoa que guardava as chaves da Igreja e local onde, segundo me disseram, guardaram as imagens. Espero que os ladrões não tenham feito nenhum desfalque.



A SS Trindade num só tronco

O púlpito com simbologia dos 4 Evangelistas



Na.Sra. de Loreto

A planta desta redução que, como já dissemos, esteve a cargo do arquiteto João Batista Prímoli dispõe de forma diferente a localização de alguns prédios como a sacristia, a residência dos padres, o colégio e as oficinas. Estes não estão do lado esquerdo do Templo Maior, como na maioria das outras reduções, mas tudo isso fica do lado direito. Por outro lado, o *Coty guazú* (cotiguaçu) estava do lado esquerdo e o cemitério um pouco mais além.



À direita da praça destacam-se um templo menor e uma estranha torre de observação. Não faz muito tempo que as autoridades da região se deram conta da importância do valor histórico destas ruínas. O que fizeram das pedras que se soltaram? Onde estão os seus altares?³ As

³ “Um dos “brilhantes’ administradores, que a Coroa Real colocou nos povos para

invasões de Artigas e as guerras do Paraguai quase que aniquilaram por completo o que havia sido construído com tanto sacrifício pelos Jesuítas. Especialmente a partir do início do século XIX, as reduções foram repetidamente saqueadas, os índios dispersos e os edifícios ano após ano foram caindo em completa ruína.

Confesso que ao me afastar das *ruínas dos arcos*, fui assaltado pelo medo de que os gananciosos de hoje poderão levar embora o que de mais belo e precioso ainda restou desta redução: suas 16 artísticas imagens.

4.2 A Igreja interrompida de Jesús de Tavarangüe

A UNESCO decidiu incluir Jesús de Tavarangüe no elenco das reduções que se tornaram Patrimônio da Humanidade. Quando o visitante chegar aqui, sobretudo depois de visitar Trinidad, poderá sentir-se assaltado por um sentimento de frustração. Jesús não é exatamente uma *ruína*, é sim, uma *redução inacabada*, incompleta. E desde este ponto de vista é muito interessante. Aqui podemos contemplar um templo reducional em processo de construção, tal qual como foi deixado por ocasião da expulsão dos Jesuítas em 1768.

Jesús é bem mais antiga do que Trinidad. Foi fundada em 1685 em Monday, em 1691 se transferiu às margens do rio Ibarety, posteriormente às margens do rio Mandisoví e finalmente para este local, distante apenas 10 quilômetros de Trinidad. Bartolomeu Meliá, o maior estudioso da cultura guarani atual, por isso mesmo, classifica o povo desta redução como “*o povo peregrino*”.

Mas o que tem de significativo o templo desta *redução peregrina*? Em primeiro lugar, segundo os peritos em arte missioneira, esta é a única obra das missões que revela traços de estilo hispânico. Isto pode ser comprovado no tríplice pórtico de entrada, com seus arcos trabalhados

“libertar” aos índios da “opressão” jesuítica derrubou parte dos arcos para construir uma casa e ocasionou a derrubada da maior igreja das Missões” (Gutiérrez).

a moda islâmica de Andaluzia e no pórtico da sacristia. Acontece que os três arquitetos responsáveis por este templo, não eram de origem italiana, como em geral eram os arquitetos das igrejas das outras reduções. Os três arquitetos jesuítas desta igreja foram: o pároco Juan Antonio de Ribera e os irmãos José Grimau e Antônio Forcada, todos de origem hispânica.



A Igreja inacabada de Jesús de Tavarangue



As paredes do templo são de um estilo refinado e de forte consistência (as paredes permanecem no estado em que foram interrompidas). Suas colunas fogem do estilo clássico pelo seu duplo jogo de capitéis. É interessante visualizar os motivos ornamentais: flores e folhas entrelaçadas sustentando as insígnias do papa, entre outros. A enorme torre, com uma abóbada no primeiro contra piso, ficou pela metade. *Se este templo tivesse sido concluído, com certeza, por seu tamanho e riqueza de detalhes, seria mais um templo monumental das missões e uma das jóias da arquitetura jesuítica guarani* (Hernan Busaniche).

Nos fundos, do lado direito do templo, pode-se visualizar também vestígios da base daquilo que seria o Colégio e outras dependências típicas das reduções.

Depois de visitar Jesús Tavarangüe o *turista peregrino* deverá retornar a Encarnación. prosseguir em direção à Asunción pela Ruta 1. Prosseguindo, cerca de 60 km, pela Ruta 1 chega-se ao trevo de acesso a San Cosme y San Damian, à esquerda por mais 28 km.

4.3 As Ruínas de San Cosme y Damián

Depois de Encarnación a bastante plana, de quando em vez as águas da barragem de Yacyretá chegavam bem próximo da rodovia. Nos lugares um pouco mais elevados vimos plantações de soja e milho, mas no geral predomina a criação de gado.

San Cosme y Damián é a redução que abrigou o maior centro astronômico da América. O Pe. Boaventura Suárez, originário de Santa Fé, Argentina, possuía importantes instrumentos de observação astronômica, mantendo, inclusive, correspondência com astrônomos de várias partes do mundo. Infelizmente, com a expulsão dos Jesuítas, só restou o relógio do sol.



Também esta redução esteve primeiramente situada em território brasileiro (1632), passando depois por terras argentinas até se fixar aqui, à margem direita do rio Paraná, em 1740.

Depois de Trinidad e Jesús, esta é talvez a redução mais bem conservada, não pelas suas ruínas, mas por que muitas de suas antigas construções continuam sendo habitadas. Nessas ruínas podemos visitar o Colégio - único com teto original - e a Igreja que, a exemplo das demais foi destruída por um incêndio (restando apenas a fachada e as paredes laterais) e, parte dela, reconstruída posteriormente, continua sendo utilizada pela comunidade. Destro dela permanecem várias estátuas, como a de São Miguel lutando contra um demônio hermafrodita e outras, além das de São Cosme e Damião, que vale a pena apreciar.

Segundo relatos de alguns viajantes, que por aqui passaram em meados do século dezenove, tinha-se a impressão de que nesta redução o tempo tinha parado e que se estava vivendo numa aldeia jesuítico-guarani, como nos velhos tempos. Tal era a conservação das habitações indígenas. No local das antigas reduções do Paraguai, com exceção das de Trinidad e Jesús, não temos propriamente ruínas, porque, em geral, as antigas habitações continuaram sendo habitadas pelos descendentes guaranis. O que aconteceu após a expulsão dos Jesuítas foi, antes de tudo, uma progressiva decadência provocada pela desorganização e pobreza de seus habitantes.

Voltando-se à Ruta 1, percorrem-se mais 54 km até San Patrício onde há um cruzamento a partir do qual deve-se tomar o desvio à esquerda até Santiago, onde se chega após 28 km sempre por via asfáltica.

4.4 Ruínas de Santiago

Santiago foi mais um povo “peregrino”. Provenientes da redução de Santa Maria da Fé, situada no Itatim, depois de uma série de mudanças, inclusive de nome (San Ignacio de Caaguazú), em 1669 se estabeleceu definitivamente neste local com o nome de Santiago. Como sabemos Santiago, padroeiro da Espanha, tornou-se conhecido durante a “Reconquista” como “matamoros”, ou seja, aquele que ajuda os cristãos contra

os mouros.⁴ Com certeza os guarani o aceitaram como patrono contra os seus inimigos, os bandeirantes.⁵

Infelizmente nada mais resta do antigo templo. Porém, na igreja atual se conserva um painel muito interessante, parte do antigo batistério, por suas características, único entre todas as ruínas reducionistas. O tema das pinturas é o Batismo. No centro está retratado o batismo de Jesus e, de um lado, o batismo do Etíope por Filipe e do outro vemos São Francisco Xavier batizando os orientais.



Sacrário bem conservado e o



belíssimo Retábulo \

O que de mais precioso se conserva da antiga Santiago encontra-se no Museu atual: um conjunto de estátuas belíssimas, distribuídas em três salas distintas.

Aqui está a maior riqueza de Santiago. Como já dissemos anteriormente, o que de mais precioso encontramos nos locais das antigas

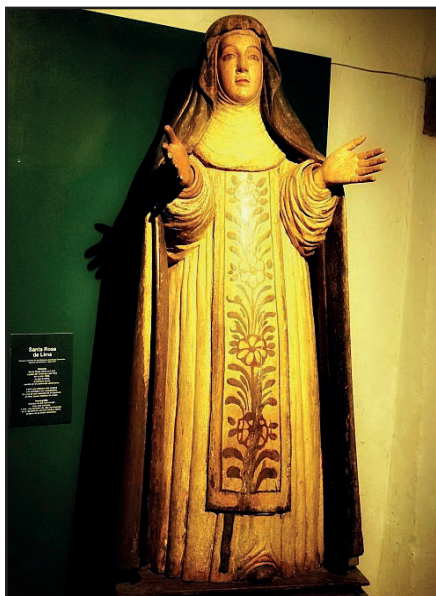
⁴ Os árabes muçulmanos invadiram a Península Ibérica em 711 e somente foram definitivamente expulsos em 1492, ano em que Cristóvão Colombo chegou à América. No Inventário que se realizou por ocasião da expulsão dos Jesuítas, estão registrados centenas de vestimentas utilizadas por ocasião da representação teatral da luta de Santiago contra os mouros.

⁵ Muitas vezes os guarani das missões retrataram o diabo com feições de seus inimigos. No museu de São Gabriel, RS, conserva-se uma imagem de São Miguel em luta contra o demônio, representado por um português.

reduções do Paraguai atual, é, sem dúvida, a diversidade e riqueza de imagens guardadas em seus museus. Infelizmente o mesmo não tem acontecido no Brasil e na Argentina, onde a maioria das imagens foi seqüestrada pelas tropas de Artigas e Rivera, em suas múltiplas e “bárbaras incursões” pelos territórios missioneiros, no início do século XIX.

Prosseguindo o roteiro de visita às *ruínas* deve-se retornar à Ruta 1, de onde após 9 km chega-se à Santa Rosa de Lima.

4.5 “Ruínas” de Santa Rosa de Lima



Quando se chega a Santa Rosa tem-se a impressão de estar numa cidadezinha qualquer, típica do interior paraguaio antigo. De fato, não temos por aqui aquilo que mais identifica um *sítio arqueológico: ruínas abandonadas*. A sensação que se tem é de que a vida nesta redução segue lentamente o seu curso através da história. Porém, antes mesmo de se chegar ao centro histórico do vilarejo atual o estilo das residências mais recentes, com seus varandões e colunas típicas, parecem querer prolongar no tempo o velho estilo missioneiro.

Santa Rosa está situada sobre uma colina cercada de vegetação. Ao redor da praça, a mesma praça daqueles tempos, está rodeada de casarões baixos, diversos dos quais continuam, pelo menos exteriormente, no mesmo estado do tempo em que por aqui moravam os jesuítas. Num dos lados da praça, todo o conjunto de casas é da redução original. Todas continuam sendo habitadas, sendo que uma delas serve de abrigo às dependências da polícia cidadina.



Antigos prédios reducionais de Santa Rosa continuam sendo ocupados pelos seus descendentes guarani e pela Polícia

A Igreja foi destruída por um incêndio em 1883. No entanto, a monumental torre de pedra ainda serve de campanário. A fachada do templo atual está reconstruída com pilastras de pedras do antigo. O altar principal da Igreja atual é um dos altares laterais que foi salvo do incêndio.



A Torre que sobrou e algumas imagens no mal cuidado Museu de Rosa



Nossa Senhora de Loreto



Pietá

Quando estivemos aqui, em fevereiro de 2008, eram pouco mais das 17 horas e o Oratório de Nossa Senhora de Loreto, ao lado da Igreja já estava fechado. Porém, graças à boa vontade de um seminarista, que tomava conta da Casa Paroquial enquanto o Pároco estava ausente, nos foi aberto o cadeado do portal do Oratório transformado em museu. Assim, pudemos apreciar aquilo que Clement J. McNaspy, quando passou por aqui em 1981, chamou de “*a jóia de Santa Rosa*”. Além da imagem da “Pietá”, o Cristo Morto nos braços de Maria, e de outras imagens de santos, destaca-se o conjunto de imagens que retratam a Anunciação. Estas, segundo Bartolomeu Meliá, podem figurar “*entre as grandes obras do barroco hispano-americano*”.



Imagens da Anunciação

Retornando a Ruta 1, poucos km além temos à direita a entrada para Santa Maria da Fé, 11 km adiante. Alguns turistas, por comodidade, preferem prosseguir até San Juan Bautista para repousar e, no dia seguinte, visitar com calma aqueles que são considerados os mais significativos Museus das Ruínas das Missões.⁶

4.6 “Ruínas” de Santa Maria da Fé

Santa Maria da Fé foi fundada pelo Pe. Manel Berthod, grande devoto de Notre Dame de Foy, na França. Também aqui em Santa Maria um incêndio ocorrido em 1889, destruiu a Igreja. Felizmente as imagens em painéis e outras estátuas foram salvas e estão guardadas na Igreja atual, para satisfação dos admiradores da arte sacra missioneira.

⁶ Um pouco além de San Juan Bautista, próximo a um posto de reabastecimento, existe um bom hotel, que recomendamos, ou, se alguém preferir, antes de visitar estes dois importantes museus, pode se hospedar no Hotel Arapizandú, na própria San Ignacio Guazú.

O Museu atual foi inaugurado por ocasião da festa da padroeira, no dia 8 de setembro de 1981, com a presença de três bispos paraguaios e uma multidão de fiéis. O conjunto de imagens que ali se encontra, se bem que distintas, rivaliza com o museu de San Ignacio Guazú. Pode-se dizer que o tema deste museu é “cristocêntrico”. Todas as imagens estão distribuídas em seis salas distintas:



Na **primeira sala**, temos imagens de diversos santos, sugerindo o ideal missionário.

A **segunda** está dedicada aos fundadores da Companhia de Jesus: Santo Ignacio de Loyola, São Francisco Xavier e São Francisco de Borja, além de uma belíssima imagem de Nossa Senhora, mãe dos missionários e do Paraguai.



Nossa Senhora da Candelaria



Maria Madalena

A **terceira sala**, muito rica e barroca, simboliza a Igreja: temos aí Maria, São Pedro, São Sebastião mártir, Santa Bárbara mártir, Santa Cecília mártir e Santa Rosa de Lima, muito popular nas Missões, pois alguns missionários, como Boroa e Antônio Ruiz de Montoya vieram do Peru.

A **quarta sala** está dedicada à Paixão de Cristo: Cristo morto na cruz, sobre o qual anjos choram sua morte, tendo Maria de um lado e São João do outro e, por detrás de tudo também chorando, São Pedro penitente.

A **quinta sala**, também magnífica, está centrada no Presépio, com os pastores e os três reis magos. Outra esplêndida estátua parece ser de Simeão, segredando a Maria: “*Uma espada de dor atravessará a tua alma*”.

A **sexta sala** é a Capela da Ressurreição, com enfoque no Mistério Pascal. O Sacrário está cheio de figuras, como arcanjos vencendo os demônios, a Imaculada pisando a serpente do pecado e da morte, mais um crucifixo e outro anjo, tudo tendo ao Centro Cristo ressuscitado.

Em fins da década de 1970, graças a Fundação Paracuaria⁷, uma série de casas sobreviventes da antiga Redução foi comprada e agora se transformaram em preciosidade histórica.

Depois de visitar o importante museu de Santa Maria da Fé, partimos para àquela que é considerada a primeira de todas as Reduções: San Ignacio Guazú.

4.7 Ruínas e San Ignacio Guazú⁸

Pouco mais de 50 anos após a morte de Santo Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, o Pe. Marcial Lorenzana e o irmão Francisco de San Martín lhe dedicaram esta que é considerada como sendo a primeira Redução deste “novo modo de ser”, isto é, “amparadas” por um Regulamento especial, livres da nefasta *encomienda* dos colonizadores espanhóis.⁹ Na cidade atual de San Ignacio Guazú existe um hotel que ostenta o nome Arapizandú, cacique que convidou e auxiliou os missionários na instalação da primeira redução. Na praça central foi erguido um monumento a São Roque González, sua estátua é uma homenagem ao co-fundador desta redução.

A redução se estabeleceu neste local somente em 1677. Infelizmente nada sobrou do antigo templo, concluído em 1694, a não ser uma fotografia de seu *retablo*, conservada no Museu. A Igreja atual nada tem de interesse histórico ou artístico, além de uma bela estátua de Nossa Senhora e outra, mais simples, de Cristo.

⁷ Instituição que nasceu com o objetivo de salvar e proteger o *tesouro histórico do Paraguai antigo*, responsável pela valorização e organização dos museus missioneiros.

⁸ Os padres Catandino e Masseta, contemporaneamente também fundaram uma redução no Guayrá em homenagem ao fundador (1612). Daí porque, para se distinguir uma da outra, passou-se a diferenciá-las pelos adjetivos *guazú e mini* (grande e pequena).

⁹ Através da Encomenda os espanhóis tinham liberdade de usufruir do trabalho dos índios, assumindo, em contra partida, o compromisso de “educar os índios na fé”, o que quase sempre significava escravidão para o índio. Os padres Catandino e Masseta, contemporaneamente também fundaram uma redução no Guayrá em homenagem ao fundador (1612). Daí porque, para se distinguir uma da outra, passou-se a diferenciá-las pelos adjetivos *guazú e mini* (grande e pequena).

Felizmente os jesuítas retornaram a San Ignacio Guazú em 1933 que, por certo tempo, residiram no que sobrou do antigo “colégio”. Graças a Fundação Paracuaria, parte do “colégio” foi restaurado pelo Irmão Antonio Fernández Mateo e transformado no Museu mais importante das ruínas jesuíticas do Paraguai. Segundo afirmação do Pe. José Valpuesta Güeto, pároco de San Ignacio na década de 1980, este pavilhão é a construção mais antiga que ainda se conserva no Paraguai.

Ali neste Museu, estão admiravelmente expostos os tesouros que restaram desta Redução. Com certeza, muitos outros foram levados embora e fazem parte, agora, de coleções no exterior, especialmente em Santiago del Estero, na Argentina.

Segundo Armindo Trevisan, “*as imagens são o principal tesouro das Missões. Difícil é avaliar o número exato de imagens de tão maltratado patrimônio. Provavelmente foram construídas mais de duas mil imagens*”.¹⁰ “*Uma visita ao Museu de San Ignacio é o cume perfeito de uma visita às ruínas jesuíticas do Paraguai – um museu importante*”.¹¹

O Museu de Santo Ignacio Guazú, no dizer do escritor Clement McNaspy, *é uma espécie de santuário*. O escritor sugere que entremos nele *com espírito cristão, o mesmo espírito que motivou aos artistas indígenas e jesuítas*.

No pórtico de entrada está uma lápide com o nome dos 26 jesuítas que morreram mártires nas Missões do Paraguai, a mesma lista já mencionada e que se encontra na Capela dos Mártires da paróquia Cristo Redentor em Asunción.¹²

A **primeira sala** representa a Criação. Aqui se encontra um pedaço de uma pintura maior da igreja que representa a *criação material* com frutos da flora paraguaia. Um menino conduzido por um anjo da guarda nos lembra a *criação do homem*. O pecado original está representado

¹⁰ De toda esta opulência o Rio Grande do sul, em sete museus e várias coleções públicas ou particulares, guarda cerca de 300 peças. Conforme **MISSÕES, passado presente e futuro**, publicação de Talento Editorial LTDA, Porto Alegre, 1990.

¹¹ Opinião do redator de uma revista norte-americana, citado por McNaspy, op.cit., p. 63.

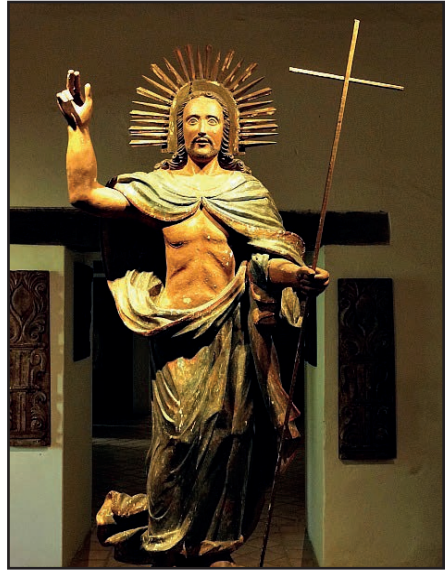
¹² Na descrição das salas do Museu de San Ignacio Guazú nos servimos do escrito de McNaspy, op. cit., pp. 64 e 65.

por uma “demônia”¹³ e a Redenção pela vitória de São Miguel. As ornamentações feitas com flores da região e as feições indígenas dos anjos reforçam a idéia de que são frutos de artistas guaranis.



A **segunda sala** pode ser chamada de a sala da Redenção. Temos aqui diversas representações do Cristo sofredor: o Cristo flagelado, o Cristo com a cruz às costas, crucificado, sepultado, ressuscitado e o Cristo Eucarístico. O Cristo crucificado é uma jóia barroca, com a expressão da majestade de um Deus e com a ternura de um homem.

¹³ Na cultura guarani o demônio é mulher (añamemby, kuñá), por isso temos aqui a representação de um demônio com seios e corpo de mulher.



O Cristo ressuscitado repousa sobre a base de uma coluna do velho templo com seu capitel de estilo corinto. O semblante da Virgem Maria expressa ao mesmo tempo surpresa e alegria por reencontrar o seu Filho. O Sacrário, sinal da nova Páscoa, dourado por dentro com um maravilhoso conjunto de anjinhos.

A **terceira sala** é um prolongamento do mistério de Cristo no mistério da Igreja centrada em Cristo ressuscitado. Nela preside Maria, Mãe de Cristo e da Igreja. Sua posição é de prece aos seus pés a representante do A.T., a “mãe sinagoga”: Santa Ana, a Mãe do N.T. Lá está São Pedro, envolto numa toga de senador romano, com as chaves entregues por Cristo e o livro de suas cartas; sua cabeça é grande como pedra sólida; seu aspecto firme em sinal de solidez. Em seguida o apóstolo Paulo, explorador de novos mundos para o Evangelho; numa das mãos o livro de suas cartas e a espada símbolo de seu martírio. Depois os fundadores das grandes ordens medievais: São Domingos e São Francisco, cujos irmãos foram os primeiros missionários na América; junto a São Francisco está Santo Antônio, seu discípulo fiel. O mundo feminino da Igreja está representado por Santa Teresa (ou, quem sabe, Santa Rosa de Lima?) em atitude de contemplação.



Ignacio de Loyola



São Francisco Xavier

Na **quarta sala**, reservada para a Companhia de Jesus, preside Santo Ignacio de Loyola, seu fundador e padroeiro desta redução. Em seu peito o emblema IHS (primeiras letras do nome de Jesus em maiúsculas gregas).¹⁴ Aí está também São Francisco Xavier, com sua aparência jovial, o movimento de sua estola, roquete e sotaina, traduz a impaciência divina de sua alma de apóstolo. Também está aí São Francisco de Borja, terceiro superior geral dos jesuítas, que enviou muitos companheiros da Ordem para a América. O santo jovem é São Estanislau de Kostka, noviço polonês admitido na Companhia pelo mesmo São Francisco de Borja. Numa estante encontra-se também um missal de 1711, talvez o mais antigo do Paraguai, outro do século XVIII, e o livro de batizados do mesmo século, aberto justamente na página onde consta o nome do filho da irmã de San Martin, o grande libertador, batizado em San Ignacio. Outra estante contém folhas de missais desenhadas por índios, imitando letras de imprensa e uma carta do Rei Felipe IV de 1635. Aqui também se encontra um mapa histórico-geográfico das Reduções e, num canto, a citada fotografia do painel do antigo templo.

¹⁴ Na opinião de Clement McNaspy, esta imagem traduz magistralmente como foi Santo Ignacio: “contemplativo na ação”. “Me parece uma obra-prima da arte barroca, também por sua energia e sentido do movimento”. Op.Cit. p. 65.

A **última sala** é a Capela, onde se celebra a Eucaristia e onde está o centro espiritual dos encontros catequéticos atuais. Nesta sala podemos ver uma Imagem do Menino Jesus; um maravilhoso anagrama de Maria e um suporte trabalhado em madeira para se colocar o Círio Pascal, símbolo de Cristo Ressuscitado. O banco que aqui se encontra é a única peça do antigo templo.

Convém observar também os fragmentos do teto da antiga igreja, além de outros detalhes como: a espessura das paredes deste prédio, restaurado a pouco mais de meio século, que juntamente com a dupla cobertura (mais uma camada de capim por debaixo do telhado) contribuem para que se mantenha sempre uma temperatura agradável, tanto no inverno como no verão. Por trás do pavilhão (antigo colégio) encontra-se também o relógio solar e alguns restos de colunas de madeira e de pedra.

Servímo-nos das palavras do Pe. Clement J. McNaspy, para concluir esta nossa descrição sobre as *ruínas do Paraguai* antigo:

“O conjunto destes museus (de Santa Maria, Santiago e Santo Ignacio), com suas estátuas restauradas pelo chileno Tito González e o paraguaio Bernardo Ismachowicz, me parecem excepcionais no mundo dos museus. Apesar de relativamente pequenos, sua exposição e ordenamento os torna realmente extraordinários. Como historiador da arte, tenho visitado quase todos os museus do mundo, e posso assegurar que aqui, no departamento paraguaio de Misiones, existe algo notável em qualidade, ainda que não tanto em quantidade, que o torna comparável aos museus mais célebres.”

Concluindo

Aos brasileiros, que já conhecem bastante São Miguel e região missioneira do Rio Grande do Sul, *sugerimos que a visita às ruínas da Argentina e do Paraguai seja feita numa programação única, específica*. Uma vez em território argentino (San Javier ou San Thomé), basta um dia para se visitar Santa Maria la Mayor, Loreto, San Ignacio Mini e Santa Ana, chegando em Posadas à tardinha para passar a noite. No dia seguinte pode-se visitar Trinidad e Jesús e passar o resto da tarde e a noite em Encarnación¹. Assim, todo o 3º dia fica reservado para se visitar San Cosme e Damián, Santiago, Santa Rosa e Santa Maria da Fé, com pouso no hotel Arapizandú de San Ignacio Guazú.

No 4º dia, além de visitar calmamente o Museu da primeira das Reduções, pode-se prosseguir a viagem para Asunción, passando por San Juan Bautista, capital do departamento de Misiones (que nada tem de especial além da fábrica de *erva mate Kurupi*, especial para tererê, famosa internacionalmente). Recomendamos uma breve parada em Yaguarón, para se visitar o seu magnífico templo barroco, sobre o qual já falamos no início do livro. Todo o percurso da viagem será pela Ruta 1, por planícies a perder de vista, passando por pequenos povoados e pequenos cerros a quebrar a monotonia.

Asunción oferece muitas opções em hotéis, com preços bastante acessíveis, mas sempre é bom reservar com antecedência². Os postes de ferro das ruas do centro conservam ainda os furos das balas de fuzil,

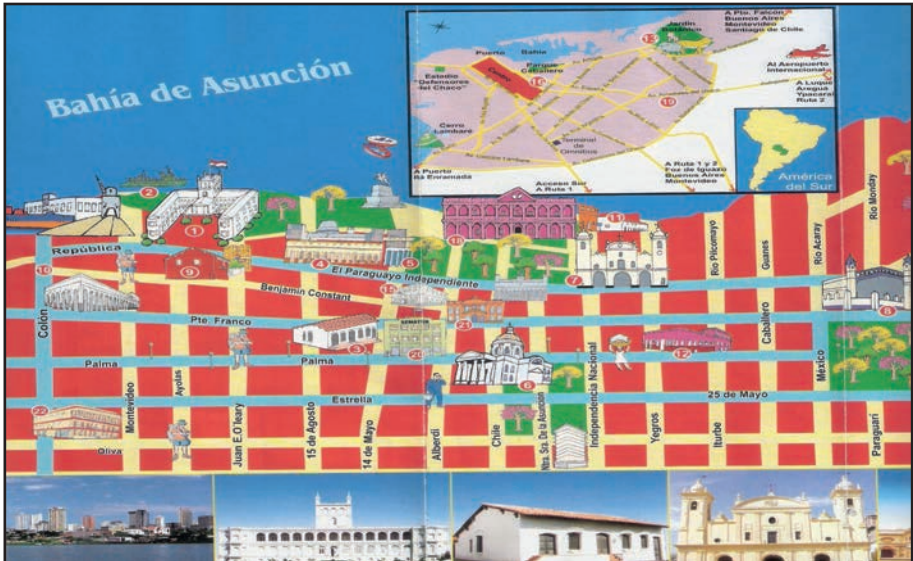
¹ Hotéis em Encarnación: basta acessar 10 melhores hotéis de Encarnación...

² Qualidade e preços módicos: Palmas del Sol: Telefax (00595-21)- 449 485 e Canciller: Telefax (03752) 440 599. Outros: H. Sto. Domingo: Telefax (595 21) 550 130 - H. Acuario: Telefax (595 71) 202 676 – H. del Lago: 0512 232201.

herança da sangrenta *Guerra do Chaco*³ de 1932 a 1935, na qual o Paraguai praticamente duplicou sua extensão territorial.



Um ou dois dias em Asunción é o suficiente para se visitar o centro histórico: Panteon de los heroes, Palácio de Lopez, Catedral, Museu Bogarin, Andrés Barbero com muitas peças da cerâmica guarani e outros, sem deixar de visitar a Capela dos Mártires das Missões na paróquia Cristo Rei.



³ Nesta guerra que durou três anos e levou à morte 60 mil bolivianos e 30 mil paraguaios, a Bolívia perdeu a única saída para o mar que ainda lhe restava, via rio Paraguai. Em 1879, na *Guerra do Pacífico*, tinha perdido seu Atacama para o Chile e o Peru. Mesmo assim, até hoje a Bolívia mantém o seu exército da marinha.

Para retornar ao Brasil, sugerimos duas opções: por Ciudad del Este/Foz do Iguaçu ou, especialmente para os gaúchos e catarinenses, prosseguir pela Ruta 9 atravessando a ponte sobre o rio Paraguai, 20 km ao norte de Asunción. Depois de transpor o rio Pilcomayo,⁴ descer em direção a Resistência/Corrientes, reentrando no Brasil pela Ponte Internacional São Borja/San Tomé. Este caminho, além de oportunizar o conhecimento da região das palmeiras do Chaco oferece a oportunidade de conhecer cidades como Formosa, Corrientes e outras...



Para viajar pela Argentina e Paraguai incluindo visita às ruínas missioneiras, seguir a linha verde

A Você, amigo leitor, que deseja percorrer o “Caminho das Missões”, lembra de que nada acontece por acaso. É preciso se programar. Do contrário *“Há sempre uma desculpa, e boa por sinal, para se deixar para depois, ano que vem, ou na próxima década, aquela viagem tão sonhada”*.

Ignacio Dalcim

Marau, 25 de janeiro de 2017.

⁴ Era por este rio, que os espanhóis transportavam a prata e o ouro, extraídos das minas de Potosi (Peru, hoje Bolívia).

Referências

ARMANI, A. *Cittá di Dio e cittá del Sole. Lo “stato” gesuita dei Guarani (1609-1768)*. Roma, Studium, 1977.

BRUXEL, Arnaldo. *Os trinta povos guaranis*. Caxias do Sul/Porto Alegre, UCS/EST/Sulina, 1978.

DALCIM, Ignacio. *Em busca de uma Terra Sem Males*. Porto Alegre, EST, 1993.

_____. *Breve História das Reduções Jesuítico-Guaranis do Paraguai (antigo)*, São Paulo, Edições Loyola, 2.010.

DOMINGUES, Moacir. A conquista das missões: um enigma histórico, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, Canoas, La Salle, 1982.

_____. *A Colônia do Sacramento e o sul do Brasil*. Porto Alegre, Sulina/IEL, 1973.

ESCANDÓN, Juan de. *História da transmigração dos sete povos orientais*. Trad. Arnaldo Bruxel,SJ, São Leopoldo, Instituto Anchetano de Pesquisas, 1983. (História, nº 23).

FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões jesuíticas*. Porto Alegre, Nova Dimensão/EST/Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul, 1983.

_____. A Colônia do Santíssimo Sacramento e suas relações com as missões, in *Anais do III SNEM*, Canoas, La Salle, 1983, 102-110.

FURLONG, Guilherme. *Misiones y sus pueblos de guaranis*. Buenos Aires, Balmes, 1962.

GOLIN, Tau. *A guerra guaranítica: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

HANSEL, José. *Os Sete Povos das Missões*. Santo Ângelo [s.n.], 1947.

HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaranis de la Compañía de Jesús*, Barcelona, Gustavo Gili Editor, 1913.

HOORNAERT, Eduardo. *Das reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais*, São Paulo, Paulinas, 1982.

LAZZAROTTO, Danilo. Primeiras reduções no Rio Grande do Sul, in *Anais do I SNEM*, Canoas, La Salle, 1982, 33-38.

_____. Encomiendas e povos das missões, in *Anais do II SNEM*, Canoas, La Salle, 1983, 42-49.

_____. *Os Sete Povos das Missões*, Ijuí, FIDENE, 1970.

LUGON, Clovis. *A república “comunista” cristã dos guaranis*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

McNASPY, Clemenst J. *Uma visita a las ruínas jesuíticas*, Asunción, Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch” (C.E.P.G.), 1987.

MURATORI, Ludovico Antonio. *Il cristianesimo Felice nelle missioni dei Padri della compagnia de Gesù nel Paraguai*, Venezia, 1743. Edição brasileira: *O Cristianismo feliz nas missões jesuíticas*, Trad. Faustino Chiamenti, Santa Rosa, Instituto Educacional Dom Bosco, 1993.

PORTO, Aurélio. *História das missões orientais do Uruguai*, 3ª Ed. Porto Alegre, Selbach, 1954.

RABUSKE, Arthur. Mártires das missões, in *Revista de Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, n. 47, 1978.

SEPP, Antônio. *Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Trad. Raymundo Schneider, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

STEYER, O. Walter. Yvy Marã Ey – Terra sem Mal, in *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 24, n. 106. 1988.

TAVARES, Eduardo. *Missões – Misión*, São Leopoldo, UNISINOS, 1999.

TESCHAUER, Carlos. Vida e obras do Pe. Roque González de Santa Cruz, primeiro apóstolo e civilizador do Rio Grande do Sul, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS (1928)*.

VIANNA, Hélio. *Jesuítas e bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1970, (Manuscritos da Coleção de Angelis, v. 4).

Anexos

Anexo 1: Cronologia do fim dos Sete Povos e demais Reduções:

1756 – exércitos de Portugal e Espanha invadem os Sete Povos tentando colocar em prática o Tratado de Madri de 1750 que estabelecia a troca da *Região Missioneira* (oeste do RS) pela *Colônia do Sacramento* (Uruguai).

1767/8 – expulsão dos Jesuítas de todas as colônias de domínio espanhol.

1777 – Tratado de Santo Ildefonso, tentando definir os limites entre terras de Espanha e Portugal.

1782 – povoadores portugueses começam a retirar índios das Missões para servir de peões nas estâncias.

1801 – o território das Missões incorpora-se definitivamente ao território brasileiro por iniciativa de um jovem, José Borges do Canto, notável ladrão de cavalos. José Castro Morais assume o Governo da Província das Missões.

1809 – o Governo das Missões é assumido pelo coronel Chagas Santos, que conduziu desgraçadamente os destinos dos índios até fins de 1820. Nesse período o libertador uruguaio José Artigas nomeia Andresito como Governador das Missões (1815) que, a partir do ano seguinte, as depreda, sendo preso em 1810 e remetido ao Rio de Janeiro onde morre na prisão.

1816 – Artigas assola as Reduções de Misiones na Argentina.

1821 – o naturalista Saint-Hilaire deixa importantes registros sobre as Missões.

1828 – Frutuoso Rivera, caudilho uruguaio, invade os Sete Povos das Missões, levando consigo quase todos os índios e 60 carretas do que havia de valor.

1833 – Com a extinção real dos Sete Povos, o governo imperial declara pertencer aos Próprios Nacionais as terras dos índios das Missões.

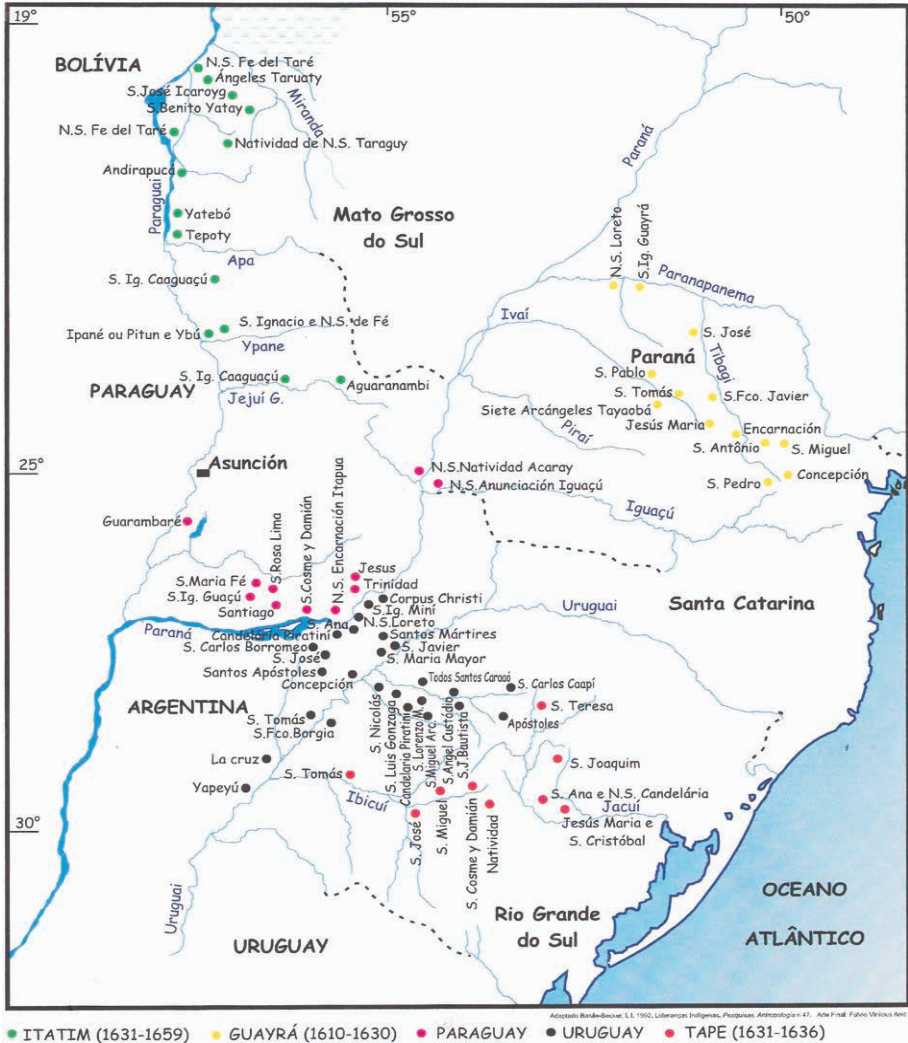
1835 – a população missioneira em todo o território dos Sete Povos das Missões é de apenas 374 pessoas, com apenas 136 índios homens aptos para o trabalho.

1838 – Francia invade as Reduções do sul do Paraguai e de Misiones na Argentina.

1865 – a Guerra do Paraguai liquidou com o que ainda restava das Reduções no sul do Paraguai e nordeste da Argentina.

Anexo 2: Mapa das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguay

REDUÇÕES JESUÍTICAS DA PROVÍNCIA DO PARAGUAY A PARTIR DE 1609



Os Sete Povos no Rio Grande do Sul estão na cor preta.

Impressão:

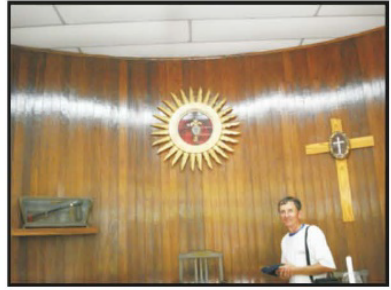


Berthier[®]
GRÁFICA EDITORA

Av. Presidente Vargas, 907 - Fone: (54) 3313.3255

E-mail: grafica@berthier.com.br

Passo Fundo/RS



***Capela dos Mártires
Par. Xto Rei - Asunción***

Ignacio Dalcim, mestrado em História e , é também autor de “*Em busca de uma Terra sem Males*” (EST), “*Breve História das Reduções Jesuítico-Guaranis do Paraguai (antigo)*” (Loyola), Viagem às Reduções/Missões jesuítico-guarani do Paraguai (antigo) in www.projetopassofundo.com.br onde podem ser acessadas outras obras como “90 anos de Fé e Trabalho”, “A vida é uma incógnita”, “50 anos de história: lutas e conquistas” e outros.



Nos últimos anos estamos assistindo a gênese de um “*caminho de peregrinos por terras missioneiras*”, a exemplo do conhecido “Caminho de Santiago de Compostela”, norte da Espanha. Este livro tem a pretensão de ajudá-lo a percorrer o “**fascinante e misterioso mundo das ruínas**” com real proveito, ou seja, “com a capacidade de ler o que se esconde por trás do que sobrou de suas construções: moradias indígenas, igreja, colégio, oficinas e belas imagens.

Sua “peregrinação” pelo sul do Paraguai, nordeste da Argentina e oeste do Rio Grande do Sul precisará de 3 a 5 dias, dependendo da opção escolhida. Mas, se Você não puder viajar de carro, não se preocupe! Quem lê embarca na fantasia, viaja na imaginação.

Pedidos deste livro para dalcimignacio@net11.com.br
ou pelos telefones (54) 3342.1543 / 99971.7717 - Marau/RS

